

C

ESPECIAL oscar niemeyer 100 ANOS

# caros amigos

*oscar niemeyer*



o monumento brasileiro  
**oscar niemeyer**



COLEÇÃO EDUCAÇÃO DO OLHAR

Um jeito diferente de ver

**OSCAR NIEMEYER**

Uma Arquitetura  
da Sedução



**RICARDO LEGORRETA**

Sonhos  
Construídos



Livros de formato inovador, que permitem relacionar de várias maneiras texto e imagem. Arquitetura é o primeiro tema da Coleção, que abordará também fotografia e artes plásticas.

Nas livrarias.

**BEĨ • EDITORA**

[www.bei.com.br](http://www.bei.com.br)

# C

ESPECIAL Oscar Niemeyer 100 ANOS

# Caros Amigos

## COMO SE VÊ NIEMEYER

Não será exagerado dizer que o mundo inteiro tomou conhecimento desse aniversário do dia 15. Aqui os jornais prepararam cadernos especiais, as televisões produziram documentários, as editoras lançaram livros, e quem não agüentava mais tamanha badaladação era o próprio aniversariante. Tanto que amigos chegados queriam promover uma comemoração para mil convidados e ele logo disse que não estava a fim, queria isolar-se com a família na sua fazendinha em Maricá. Pelo menos era o que ele havia programado quando estávamos cuidando de fechar (não podíamos ficar de fora) esta edição especial de *Caros Amigos*.

Uma edição em que procuramos mostrar, além da obra grandiosa, os sentimentos desse brasileiro que chamam de gênio, um dos grandes criadores do século 20, que Darcy Ribeiro definiu assim: "Oscar é a coisa mais bela e mais importante que nos sucedeu."

Mas o aniversariante não liga para elogios nem para homenagens, muito menos gosta de jornalistas por perto. Para um que lhe perguntou "O senhor trabalha muito, né?", ele respondeu: "Pois é, devia ter trabalhado menos e trepado mais."

A irreverência e o bom humor fazem parte de seus sentimentos, que ele revela com a maior simplicidade – como gosta – nos muitos livros que escreveu (está escrevendo mais um) na primeira pessoa e ilustrados por ele, trazendo suas ricas memórias.

E daí se tem a dimensão de seu espírito, voltado para a preocupação com os mais pobres, com os efeitos desumanos da globalização, reafirmando seus ideais comunistas.

Fomos por aí neste especial, quer dizer, deixar que ele próprio manifeste seus prazeres e suas angústias, com uma coerência rara em homens que ganham projeção (e a dele é estratosférica), coerência que ele cultivava desde sempre nesses cem anos muito bem vividos.



DESENHO: A BICO DE PENA DE SCLAIR, 1988. DO LIVRO OSCAR NIEMEYER, UMA LIÇÃO DE ARQUITETURA, EDUARDO CORONA

## sumário

**ROBERTO MANERA** destaca as principais obras de Niemeyer

4

Opiniões, recordações, revelações e confissões, relatadas nos livros de Niemeyer na primeira pessoa, de seus livros e memórias

8

A carta de **FIDEL CASTRO** cumprimentando o amigo pelos 100 anos e comentando o último livro do arquiteto: O Ser e a Vida

13

**SÉRGIO DE SOUZA** e **THIAGO DOMENICI** entrevistam **CIRO PIRONDI**, arquiteto e diretor da Escola da Cidade, amigo e confidente de Niemeyer há mais de vinte anos

16

**MARIA ELISA COSTA**, filha de Lucio Costa, o urbanista que projetou o Plano Piloto de Brasília, fala do parceiro de seu pai na construção da nova capital

18

**IVAN ALVES FILHO** escreve a respeito do homem e criador e relembra um episódio hilariante protagonizado por Niemeyer

19

**CÉLIA CHAIM** faz uma carta aberta ao seu ídolo

22

**LÉO ARCOVERDE** entrevista o artista plástico **GERSHON KNISPEL**, que traz a ilustração de Niemeyer em sua ida a Israel em 1964

26

**PARA SABER MAIS**, os livros sobre o arquiteto, os documentários, sites e seus escritos, pesquisa de Camilla Martins

30

TODOS OS DESENHOS PUBLICADOS NESTA EDIÇÃO ESPECIAL SÃO DE AUTORIA DE OSCAR NIEMEYER

**EDITORIA CASA AMARELA**  
REVISTAS • LIVROS • SERVIÇOS EDITORIAIS  
DIRETORIA: SÉRGIO DE SOUZA, WAGNER NABUCO DE ARAÚJO

EDITOR: Sérgio de Souza EDITOR EXECUTIVO: Mylton Severiano EDITORES ESPECIAIS: José Arbx Jr., Renato Pompeu e Roberto Manera SECRETÁRIO DE REDAÇÃO: Thiago Domenici EDITORA DE ARTE: Michaela Pivetti ASSISTENTE DE ARTE: Mariana Nobrega PROJETO GRÁFICO: Michaela Pivetti EDITOR DE FOTOGRAFIA: Walter Firmo REPORTERES: Andrea Dip, Ana Luiza Moutallet, Léo Arcoverde, Marcos Zibordi, Fernando Evangelista e João de Barros ASSISTENTE DE REDAÇÃO: Vinicius Souto TEXTO: Mauro Feliciano ESTAGIÁRIOS: Camilla Martins, Flora Bonatto, Natália Mendes, Mariana Santos e Rodrigo Aranha CORRESPONDENTES: Mariana Camarotti (Buenos Aires), Bosco Martins (Mato Grosso do Sul) e Marcelo Salles (Rio de Janeiro) DIRETOR COMERCIAL: Wagner Nabuco de Araújo DIRETOR DE MARKETING: André Herrmann CIRCULAÇÃO Gerente: Cristiano de Carvalho Braga, Assistente: Eliângela Santana e Pedro Nabuco de Araújo PUBLICIDADE Executiva de contas: Elaine Sodre ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Supervisora: Ingrid Hentschel CONTROLE E PROCESSOS Gerentes: Wanderley Alves, Assistente: André Joaquim ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO: Nicodemus Pessoa e Nasson Nogueira ASSESSORIA JURÍDICA: Marco Túlio Bottino, Aton Fon Filho, Juvellin Strozake e Susana Paim Figueiredo REPRESENTANTE DE PUBLICIDADE: BRASÍLIA: Joaquim Barroncas (61) 9972-0741.

**CAROS AMIGOS** DIRETOR RESPONSÁVEL: Sérgio de Souza

CAROS AMIGOS ESPECIAL, ano XI, nº 37, é uma publicação da Editora Casa Amarela Ltda. Registro nº 7372, no 8º Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Comarca de São Paulo, de acordo com a Lei de Imprensa. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. IMPRESSÃO: Bangraf

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: rua Fidalgo, 162, CEP 05432-000, São Paulo, SP

WWW.CAROSAMIGOS.COM.BR



# A arquitetura holís

DESDE O PRIMEIRO TRAÇO OS PROJETOS REVELAM MUITO MAIS QUE SIMPLES CONSTRUÇÕES

ROBERTO MANERA

“Nunca olhei para trás. Nunca me critiquei pelas faltas cometidas. Sou filho da natureza, um pequeno e humilde ser nela inserido, e para ela transiro – em parte, pelo menos – minhas qualidades e defeitos. Foi assim que ela me fez.”

É muito difícil para qualquer pessoa, por mal intencionada que seja, perceber algum erro ou falta no passado profissional ou pessoal desse senhor de prolecta idade e irresistível juventude de pensamento – talvez a única boa unanimidade viva do país nesses dias – e o que mais amíúde se houve sobre ele são elogios à sua coerência.

Ouvindo Niemeyer falar sobre arquitetura, compreende-se o quanto ele esteve sempre convencido de que sua profissão, como todas as outras, é uma arte multidisciplinar. O “sósia” de que ele fala no livro *Meu Sósia e Eu* (Editora Revan, 1992), que ele acredita existir em todas as pessoas e é responsável pela informação genética que carrega as qualidades e os defeitos de cada uma delas, seria a ligação entre os seres sociais e seus sonhos. “Mais puro que eu – (meu sósia) desconhece todos os preconceitos da sociedade – ele me sugere coisas im-

possíveis”, diz o

arquitecto; “mas é honesto,

despreza bens materiais, é leal e generoso...” – Ele tem o hábito de conversar diariamente com esse *alter ego* libertário, na saleta de fundos do escritório onde trabalha em turnos de doze horas diárias há mais de quarenta anos, cujas janelas da frente se abrem para o mar de Copacabana, mas, a julgar pela integridade de seu trabalho, desde o início, 67 anos atrás, sua invenção foi apenas uma forma de sistematizar a torrente de literatura, filosofia, ciência e arte que resulta em cada um de seus projetos, desde o primeiro traço. Como todo principiante, Niemeyer começou fazendo casas. Num balanço de 2004 foram catalogadas 36 residências – a primeira para servir de moradia ao produtor e diretor cinematográfico Carlos Niemeyer e, na seqüência, a sua própria Casa das Canoas, na estrada das Canoas, na Zona Oeste do Rio, em 1951, hoje transformada em museu. A mais sur-

preendente da série é, provavelmente, a casinha que projetou e mandou construir para seu motorista Amaro no morro do Vidigal, a meio caminho entre os bairros do Leblon e São Conrado, na Zona Sul da cidade.

Prédios de apartamentos nunca o atraíram, o que não impediu que, a pedido de seu amigo Otávio Frias, desenhasse as linhas sinuosas da fachada do edifício Copan, no encontro das avenidas Ipiranga e Consolação, já tombado pelo patrimônio artístico e cultural da cidade de São Paulo.

## Pampulha, quilômetro zero

O primeiro trabalho que o próprio Niemeyer cita cada vez que relembra sua vasta obra já parece bem apoiado em toda essa formação multidisciplinar. Foi o Conjunto da Pampulha, em Belo Horizonte, encomendado por Juscelino Kubitschek, recém-eleito prefeito da capital mineira. Ele revela, em 1940, as linhas curvas que viriam a se tornar sua marca essencial e – mais que tudo – modificar profundamente a arquitetura de grandes obras então influenciada pelas linhas retas do gênio francês Le Corbusier, que o jovem Oscar conheceu no Rio de Janeiro, quando encarregado de assessorá-lo no projeto do edifício do Ministério da Educação. O conjunto tem quatro grandes elementos: um cassino; um iate-

clube; uma casa de baile e a Igreja de São Francisco de Assis. No templo, fiel ao seu próprio enunciado de que ao projetar uma parede o arquitecto já deve prever a obra de arte que a adornará, Niemeyer instalou um notável painel do paulista Cândido Portinari. O conjunto dá a impressão de que o recinto foi construído especialmente para conter a obra de arte. Pampulha transformou-se no principal cartão-postal da cidade, o que não impediu a sua descaracterização, décadas depois, quando o clube passou à iniciativa privada e foi sacrilegamente modificado. Há uma ação pública na Justiça exigindo sua restauração ao original. Pampulha também foi o primeiro degrau de sua irresistível carreira. O seguinte foi Brasília.

Quando ganhou a eleição presidencial de 1956, Juscelino impôs: “Vou construir a nova capital do Brasil e você vai me ajudar”.

As formas surpreendentes – simbólicas – da praça dos Três Poderes, da Esplanada dos Ministérios, do Teatro Nacional e da Catedral brotaram do solo verde-limbo, no meio da vegetação ciclicamente torturada e verdejante do cerrado, e espalharam-se pelo mundo. Entre 1960 e o início de 1964, os guias de turismo que ciceroneavam multidões de visitantes descreviam a praça com um discurso enxuto e significativo do orgulho que todos os brasileiros sentiam pela obra. Apresentavam o Palácio do Planalto aberto para o espaço destinado às grandes manifestações populares; o Palácio da Justiça, também de perfil baixo, discreto e gracioso, no conjunto do Congresso, com seus surpreendentes cúpulas visualmente “acopláveis” presididas pelas duas torres verticais altíssimas, representativas do poder do povo através de seus representantes.

A Catedral de Brasília é uma de suas obras favoritas. “Diferente de todas as outras catedrais do mundo”, diz, em seu livro *Minha Arquitetura* (Editora Revan, 2004, no qual descreve a obra como uma expressão da técnica do concreto armado e do pré-fabricado, e lembra os vitrais de Marianne Peretti, destacando-se propositalmente no ambiente marcado pelo contraste entre a galeria sombreada e a nave colorida). Mas o interior já foi degradado. Em vez dos banquinhos de mármore branco que Oscar desenhou pensando em manter a nave limpa e espaçosa, há hoje umas cadeiras de madeira inteiramente descabidas, cuja presença é atribuída pelo próprio arquitecto a um tal “padre polonês” que passou por lá.

Brasília também foi um degrau importante, ao projetar sua imagem pelo mundo. Ainda nos anos 1960, Niemeyer foi chamado para desenhar grandes obras em vários países do mundo, principalmente os governados pela esquerda. O governo de Israel encomendou-lhe cinco grandes projetos, entre eles o de uma cidade inteira – Neguev. Os dois meses que passou em Israel, no entanto, não foram suficientes para impor seus conceitos arquitetônicos aos israelenses, que preferiam apostar nas construções horizontais, ocupadoras da maior extensão possível do solo, em conformidade com a política sionista de então.

O golpe militar de 1964 suspenderia por 21 longos anos a legítima simbologia da praça dos Três Poderes e levaria

elogio huanime à coerência profissional e social

# tica do gênio

seu idealizador a um longo purgatório nacional. O fato de ter recebido o Prêmio Lênin Internacional da Paz, em 1963, atendeu contra ele os militares. A partir do segundo governo da ditadura, o de Emílio Garrastazu Médici, seus trabalhos começaram a ser recusados. Mudou-se para a Europa. Paris, onde conquistou, a pedido de seu amigo André Malraux e por decreto do presidente De Gaulle, o direito até hoje mantido de praticar a arquitetura, então legalmente reservado a cidadãos franceses. Mais tarde, a decisão presidencial virou lei e obviamente ganhou o nome de Lei Niemeyer.

A primeira grande obra de Niemeyer nessa fase europeia foi a sede do Partido Comunista francês, na própria Paris, concluída em 1967. Como muitos de seus projetos posteriores, ele não cobrou pelo trabalho, como aconteceu depois com o prédio do jornal comunista *L'Humanité* – outra de suas obras tombadas pelo patrimônio histórico francês. Da mesma fase é a Bolsa de Trabalho de Bobigny, cujo projeto, impondo economia, onde ele só se permitiu alguma fantasia na forma externa, que pouco pesou no custo da construção.

## Colunas assimétricas

No ano seguinte recebeu a encomenda de projetar a nova sede da editora Mondadori em Milão, Itália. Lá, adotou pela primeira vez uma solução que acabaria tornando a obra um dos marcos essenciais de sua arquitetura. Ele conta que o editor Giorgio Mondadori tinha visitado Brasília e ficado impressionado com as linhas do prédio do Itamaraty. Queria um igual. Acabou inaugurando uma inovação muito maior. “Pensando na arquitetura como inovação, procurei dar à colunata do prédio um ritmo diferente. Queria fugir dos vãos iguais sempre fixados. Achava que a proporção, o espaço preciso entre colunas era tão importante como elas próprias. Lembrava Rilke: ‘Como as árvores são magníficas, porém mais magnífico ainda é o espaço sublime e patético entre elas.’”, escreveu Niemeyer. Pensado e feito, a sede da editora italiana resultou no primeiro prédio com distâncias diferentes entre as colunas. E agradou de tal forma ao editor que, ao desejar construir uma nova sede no centro de Milão, voltou a procurar o arquiteto brasileiro.

No ano seguinte, Niemeyer viajou



MOTORISTA HÁ MAIS DE TRINTA ANOS, AMARO.

para a Argélia e, a pedido do recém-implantado governo socialista local, de Boumediene, projetou a Universidade de Constantine e a feérica, intrigante Mesquita de Argel, que parece sair da água do mar como um gigantesco, mas delicadíssimo caranguejo, com sua carapaça branca. A universidade torna-se obra de referência mundial em arquitetura. O programa governamental previa vinte prédios, que uma grande comissão de educadores brasileiros chamada por Niemeyer, com o ex-ministro da Educação de Jango, Darcy Ribeiro à frente, conseguiu, depois de várias discussões com o pessoal do governo, reduzir a seis. A ideia era, finalmente, realizar o projeto de universidade de Darcy para Brasília, abortado pelos militares. A filosofia essencial desse projeto era simplesmente promover o ambiente propício à aproximação entre os alunos de diferentes cadeiras – no fim da cadeia, o ambiente multidisciplinar que tanto Darcy como Oscar sempre julgaram tão necessário à formação humana.

## Acidente

Outro projeto da fase na Argélia, onde Niemeyer viveu durante dois anos, foi o do Centro Ci-



A CASA PROJETADA E CONSTRUÍDA POR NIEMEYER NO VIDIGAL.

vico de Argel, que ele descreveu em 2004 como um enorme leque com todos os palácios nele incluídos abrindo-se diante do mar. As obras pararam nas fundações depois de um acidente com um dos seus condutores, Dejellul, e o monumento que devia ficar bem no centro do semicírculo – uma lança com 30 metros de comprimento apontada para o Ocidente, expressamente encomendada por Boumediene – jamais saiu da prancheta.

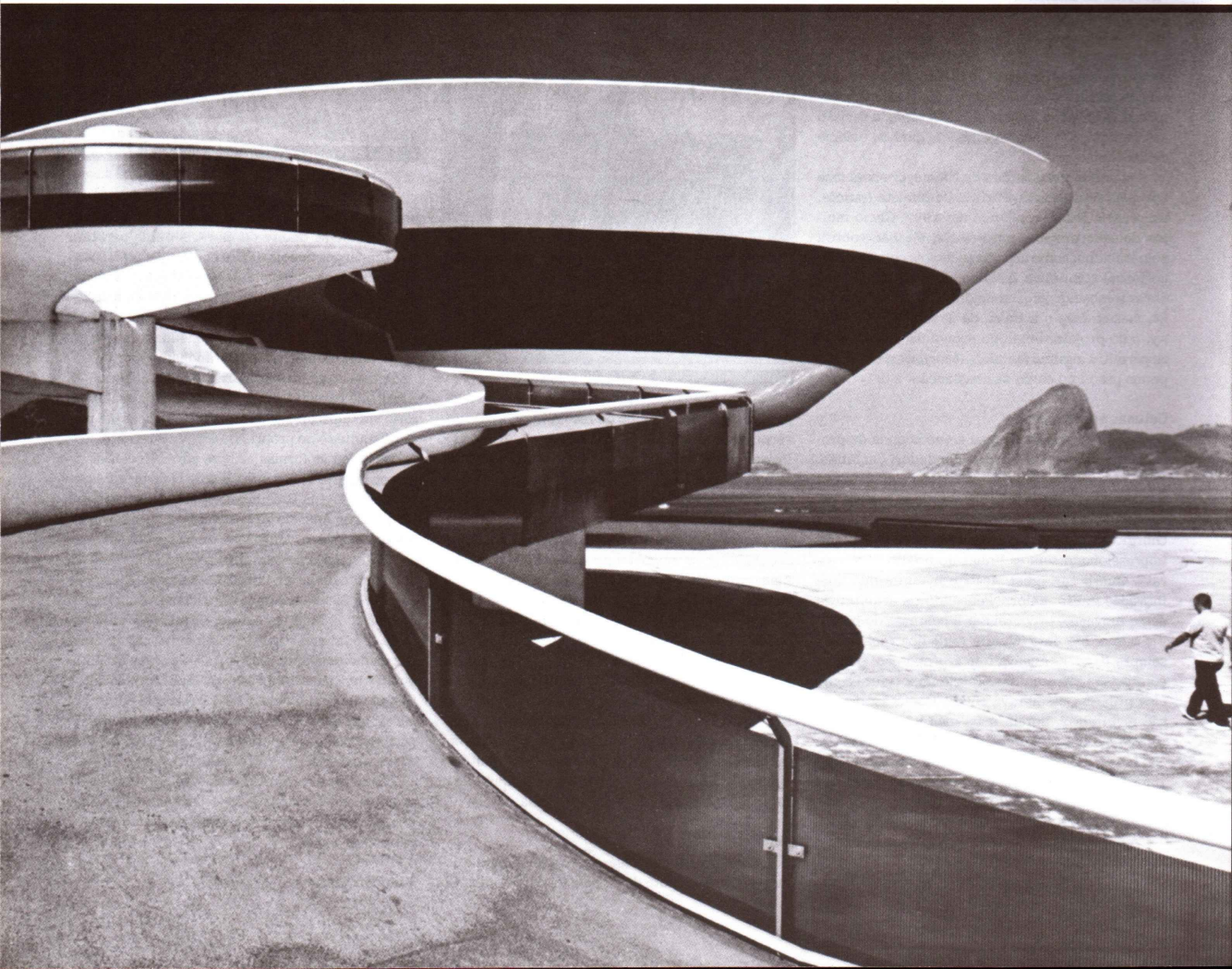
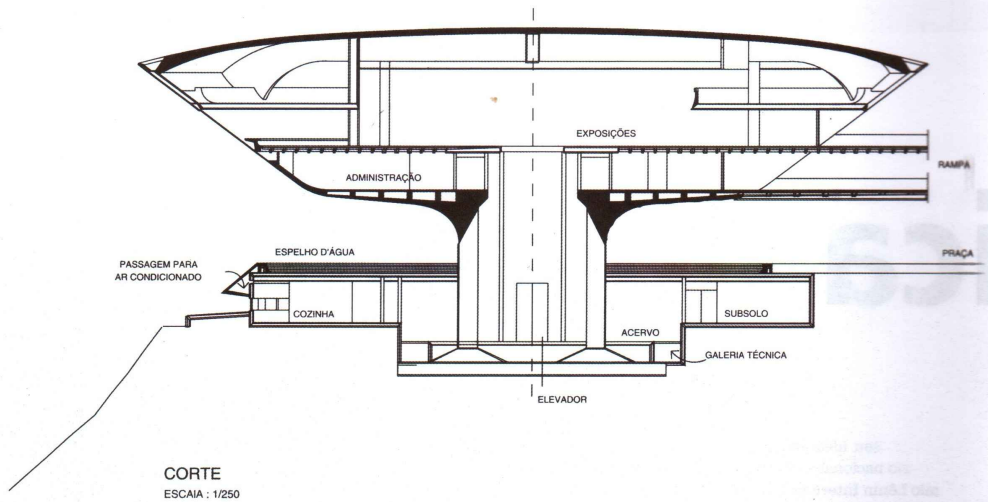
Depois do exílio voluntário, quando retornou ao Brasil, ele passou a comandar do Rio, de seu escritório em Copacabana, obras em construção em países distantes e no próprio Brasil. Mais recentemente desenhou as formas sempre surpreendentes do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, do Espaço Niemeyer, em Brasília, do Museu Niemeyer, em Curitiba, do Aquário de Fortaleza e a formidável pirâmide invertida, apoiada sobre o vértice, do Museu Bolivariano de Caracas, na Venezuela. Tem em andamento obras em Cuba e na Espanha. E nega-se a voltar a São Paulo, onde recentemente projetou o Memorial da América Latina, enquanto a prefeitura da capital não resolver, finalmente, completar a sua primeira grande obra local – o parque do Ibirapuera – nos anos 1950. Autoridades arquitetônicas acham que o auditório e a passarela que o uniriam à Oca, que é o elemento central do parque, são superfúos. São os primeiros seres inteligentes a descobrir algo supérfluo na obra de Niemeyer.

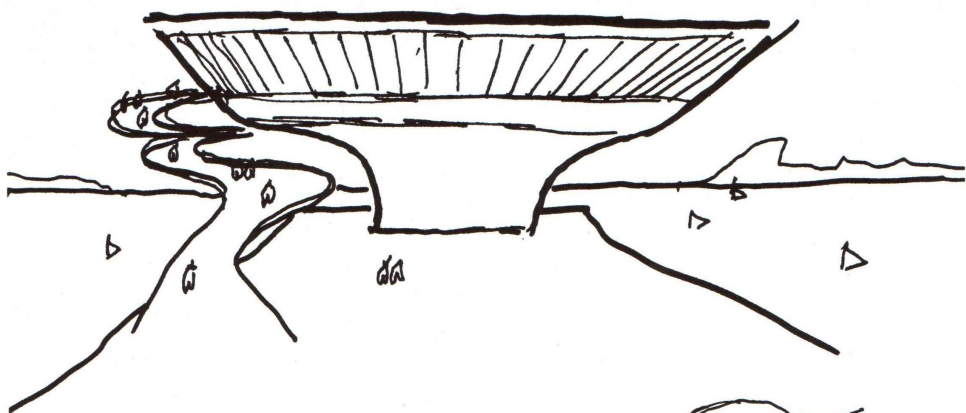
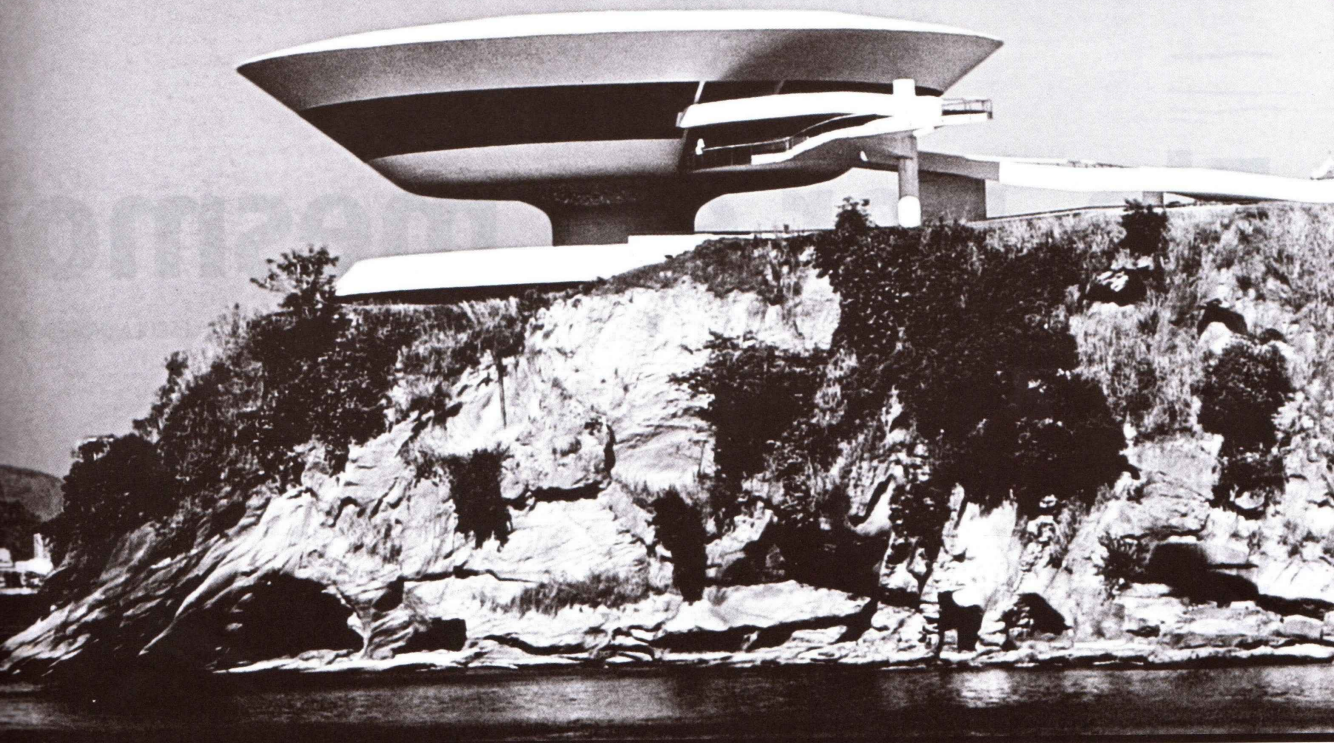
Niemeyer é o arquiteto com o maior número de projetos construídos em todos os tempos, e caminha para ser, também, o maior criador de obras por construir. 🏠

Roberto Manera é jornalista.

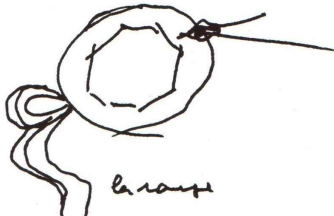
# MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

CAMINHO NIEMEYER, NITERÓI, RJ





le nœud  
avec l'appui central et vient comme une fleur



la ronge

# Ele, por ele mesmo

OPINIÕES, RECORDAÇÕES, REVELAÇÕES, CONFISSÕES, UM APANHADO DE SEUS LIVROS E DA CONFERÊNCIA QUE FEZ NA ESCOLA DA CIDADE,

SÉRGIO DE SOUZA

## As Curvas do Tempo - Memórias (1998)

“Pela memória vou recordar a casa das Laranjeiras”, a casa onde nasceu, cresceu, se casou com Annita e nasceu a filha única do casal, Anna Maria.

Nessa página começa a desfilar suas lembranças, os avós, os tios, todos morando no sobrado no Rio de “seis janelas na fachada”.

“Meus pais... como eram bons. Nunca os vi em briga, nunca ouvi deles uma palavra amarga.”

Lembra dos companheiros do PCB e dos cinco irmãos - Lília, Carlos Augusto, Leonor, Judite e Paulo, “Carlos Augusto e Judite já se foram”.

O primeiro colégio, de dona Hermínia Lyra Silva, depois “o dos padres”, na rua do Catete. Gostava de futebol, foi até procurado para treinar no Flamengo.

**E AQUI VAMOS NÓS, CARO LEITOR, FINGINDO ACREDITAR EM COISAS SEM MAIOR IMPORTÂNCIA**

Nas quartas-feiras à noite, como não tinha aula nas quintas, ia com os colegas “ver o mulherio”. Um dia um tio levou-o “a um rendez-vous: Uma mulher me perguntou: ‘O que você vem fazer aqui, menino?’ Peguei uma gonorréia.”

Terminou os estudos no Liceu Francês, depois foi para a Escola Nacional de Belas-Artes, aos 17 anos. Casou-se aos 21. Freqüentava o Clube de Regatas Guanabara, o Café Lamas, “era o nosso escritório”, papo, bilhar, “até de madrugada”. “A vida noturna nos atraía”, cabarés, “lindas mulheres”, roleta e bacará.

Casado e já nascida a filha, alugou uma casa de 2 quartos no Leblon, “nossa situação econômica era difícil”. De manhã iam os três, ele, Annita e a menina, ao Jardim Botânico, “como é bela a natureza! Ah, os velhos jardins do Rio!”

Passou cinco anos na Escola de Belas-Artes, e foi trabalhar de graça no escritório de Lucio Costa, de quem recebeu “apoio e incentivos”. Abriu com amigos ou-

tro escritório, que “se enchia de gente”, Vinicius de Moraes e outros.

Viajou muito de navio para a Europa e Estados Unidos. “Não gostava de viajar de avião. De navio eram dez dias de férias no mar imenso, sem telefone, inteiramente livre.” E lembra de passagens sobre seu problema com aviões: “JK a me aguardar no aeroporto e eu a enviar-lhe esse bilhete lacônico e decisivo: ‘Presidente, não vou viajar. Sigo de carro. Desculpe-me’. Fidel Castro, depois de esperar muito tempo, a dizer como blague aos amigos que o visitavam: ‘Digam ao Niemeyer que vou mandar um navio buscá-lo no Brasil.’”

Um dia sentiu-se pouco informado dos assuntos fora da arquitetura. “E li. Li muito. Li como quem nada sabe e tudo quer aprender.” “E comecei pelos gregos.” “E passei, em seguida, aos clássicos portugueses.” Vieira, Herculano, Eça de Queirós. “E passei aos estrangeiros”, Camus, André Malraux, Freud, Kafka, Gide, Tchecov, Henry Miller, Proust, Tolstói, Dostoievski, Gorki, Sartre, Baudelaire, Neruda, García Márquez, Anatole France, Apollinaire, Simenon, Jorge Luis Borges. E Machado de Assis, Jorge Amado, Drummond, Gullar.

“Em 1944 mudamos de novo de escritório”, uma casa de dois andares na rua Conde Lages, 25. E foi nessa casa que recebeu Luís Carlos Prestes e ouviu as suas histórias de luta. “Donde um dia: ‘Prestes, fica com a casa. Sua tarefa é muito mais importante que a minha’. E a casa da rua onde Lages, antes residência familiar, depois delegacia, pensão de putas e escritório de arquitetura, se transformou no Comitê Metropolitano do PCB e eu nele integrado para sempre.”

E vêm lembranças de viagens de carro com os amigos, as farras, as brincadeiras. “Ah! Como eram bons aqueles velhos tempos!”

“Mas a vida continua e aqui vamos nós, caro leitor, fingindo acreditar em coisas sem maior importância, vestidos de arquiteto, a discutir arquitetura com uma devoção que este mundo injusto certamente não justifica.”

Fala do primeiro contato com Le Corbusier, em 1936, no Rio, e de JK, Minas, Belo Horizonte, em

1940. “Para mim, Pampulha foi o começo da minha vida de arquiteto.”

Quando foi eleito presidente da República, JK o procurou: “Vou construir a nova capital deste país e você vai me ajudar”. “Daí em diante, a idéia de Brasília nos absorveu intensamente.”

Descreve por várias páginas a epopéia da construção da capital. “Com Brasília, recomeçaram as minhas viagens de automóvel pelas estradas em construção. Agora mais penosas, 1.200 quilômetros na lama ou na poeira vermelha do cerrado.”

“Depois de Jânio e João Goulart, chegam os negros tempos da ditadura e a reação assumiu o poder com o apoio do imperialismo norte-americano.” “Eu estava na Europa quando ocorreu o golpe de Estado.” No final de 1964 voltou ao Brasil e foi logo levado a um quartel do Exército, “onde confirmei que escrevera, numa revista soviética, que apoiava Cuba, e todos os povos subdesenvolvidos da América, Ásia e África”.

“A partir do governo Médici, porém, a reação resolveu me paralisar. Meus trabalhos começaram a ser recusados.” E decidiu ir viver na Europa. Lembra dos mui-

tos contatos que teve por lá. André Malraux, Raymond Aron, Louis Aragon, Jean Genet, Graham Greene. E da Argélia, onde “deixei um dos meus melhores trabalhos: a Universidade de Constantine”.

Salta à década de 80, recordando que em Paris morou em dois apartamentos, “primeiro na rua François Premier, depois no Boulevard Raspail”. “Como o mundo é igual em toda parte! As mesmas contradições, as mesmas alegrias e tristezas.” “Conheci muita terra e muita gente. Estive no Líbano, na Itália, na Argélia e no Egito. Até na Arábia Saudita fui parar.”

Um dia sentiu-se “longe de tudo”, e escreveu os versos que depois pregou na parede do escritório no Rio:

“Sentia-me longe de tudo. De minha família, dos amigos, das montanhas, mares e praias do meu país. Precisava voltar. Certo dia, não sei por que, esse afastamento me pareceu mais doloroso. E escrevi estes





EM SÃO PAULO, EM 2002.

versos que preguei na parede do nosso escritório:

*Estou longe de tudo  
de tudo que gosto,  
dessa terra tão linda  
que me viu nascer.  
Um dia eu me queimo,  
meto o pé na estrada,  
é aí, no Brasil,  
que eu quero viver.  
Cada um no seu canto,  
cada um no seu teto,  
a brincar com os amigos,  
vendo o tempo correr.  
Quero olhar as estrelas,  
quero sentir a vida,  
é aí, no Brasil,  
que eu quero viver.  
Estou puto da vida,  
esta gripe não passa,  
de ouvir tanta besteira  
não me posso conter.  
Um dia me queimo,  
e largo isto tudo,  
é aí, no Brasil,  
que eu quero viver.  
Isto aqui não me serve,  
não me serve de nada,  
a decisão está tomada,  
ninguém vai me deter.  
Que se foda o trabalho,  
e este mundo de merda,  
é aí, no Brasil,  
que eu quero viver."*

Lembra um episódio inesquecível acontecido no Rio:

"Estava jantando no restaurante Nino's, em Copacabana, quando chegaram dois casais. Gente jovem, e um dos moços começou logo a gritar contra o 'socialismo moreno', contra os comunistas. E o fazia com tal petulância que parecia a mim dirigir-se. Eu estava acompanhado. O que fazer? Já tinha 80 anos e ele, a metade da minha idade e quase dois metros de altura. Mas foi isso com certeza que me levou a reagir. Paguei a conta e, saindo da mesa como quem vai embora, fui até a porta e, daí voltando, sozinho,

atravessei o salão e o agredi. Separaram. Levava um soco e o sangue me corria pelo rosto."

"No dia seguinte, meu primo Carlos Niemeyer, sem me consultar, invadiu o escritório do rapaz, que, assustado, declarou que iria pedir garantias à polícia. Darcy Ribeiro se revoltou. Brizola me telefonou à noite, solidário."

"Não pensava mais no assunto. Afinal meu nome não tinha sido mencionado. Sentia-me culpado, sem nenhum ódio guardado em relação ao que ocorreria. Nem mesmo compreendia como agi de forma tão impulsiva."

"Dias após, conversando no meu escritório com meu amigo João Saldanha, ele, ao ouvir a história, aconselhou: 'Se for de revólver, atira para baixo, porque o tiro levanta a pontaria.'"

Cita as reuniões com os amigos no Clube Marimbás. Em seguida escreve: "Passo os olhos neste livro e sinto que alguma coisa mais devo dizer sobre meu amigo Luís Carlos Prestes". E fala desde a história da Coluna Prestes até as visitas que o amigo lhe faz então no escritório: "Estamos em 1987 e Luís Carlos Prestes já com 89 anos de idade".

Nas páginas seguintes escreve sobre uma reunião importante do PCB e, a propósito, do amor que tem pelo Brasil: "Ah! Caro leitor, quando é que vamos fazer esta terra mais fraterna e solidária? Nossos irmãos operários cada vez mais pobres. O que fazer? Revoltado, lembro Guevara: 'O povo desarmado não existe'".

Relembra Lucio Costa, depois conta a história do menino de rua que acolheu no escritório, era de Caratinga, Minas, havia fugido de casa. Comprou roupas para o menino, a cozinheira do escritório se dispôs a deixá-lo dormir onde ela morava e de dia ele ficaria pelo escritório. Duas vezes o menino desapareceu, e nos dias seguintes voltava quase nu, haviam roubado tudo o que vestia. Até que disse que queria ir embora do Rio. "Com os trocados que lhe dei comprou uma pequena máquina fotográfica, pedi-me que tirasse um retrato a seu lado. E, depois de um dia inteiro a tentar obter permissão para voltar à sua cidade, lá seguiu o garoto para Caratinga."

E completa: "Lembrar essa pequena história, a pobreza a crescer por toda parte, é o que posso, nessa luta contra os donos do poder e do dinheiro que tanto desmerecem o nosso país".

A epígrafe que se encaixaria bem nesse livro é uma frase: "Lembro-me do dia em que declarei numa entrevista: 'Teria vergonha se fosse um homem rico'".

## Meu Sósia e Eu (1992)

"Meu sósia vem de longe, de outros continentes, de tempos tão distantes que deles só os livros podem lembrar. Mas vem também de áreas mais próximas, vem de Maricá, onde nasceram meus avós Ribeiro de Almeida.

Nada tenho a me queixar deste intruso que dentro de mim existe e há anos me cerca com seus conselhos.

Quando encontro uma pessoa, lembro logo que dentro dela esse pequeno sósia também existe e a vejo com mais tolerância pois dele decorrem, e muito, suas qualidades e defeitos.

Curioso, meu sósia quer ocupar-se de coisas em demasia. Desenhar, fazer esculturas e literatura. Preciso contê-lo, fazendo autocrítica, ouvindo os amigos, lendo muito.

Tudo que faço tem sua participação e com ele divido o que vocês acharem de bom ou ruim neste livro.

Em muitas ocasiões falei do problema da informação genética e como, a meu ver, ela atua em nossas reações, responsável que é por nossas qualidades e defeitos. Não devo me queixar desse ser oculto que dentro de nós existe, que a informação genética criou e tantas vezes nos domina. Mas já comentei como ele me envolve quando inicio um novo projeto, pegando-me pelo braço, levando-me em transe para os caminhos da fantasia, das formas novas e inusitadas responsáveis pelo espetáculo arquitetural que preferimos. Nem, tampouco, como ele participa dos meus entusiasmos e revoltas nesse longo diálogo que vamos mantendo pela vida afora, interferindo nas minhas reações e no meu trabalho."

Com o mesmo título de seu livro, *Meu Sósia e Eu*, Niemeyer escreveu um artigo para a revista *IstoÉ* publicado em agosto último, em que ele escreve assim sobre seu aniversário de 100 anos:

"Hoje o diálogo (*com o sósia*) se iniciou ele a me dizer 'Foge, Oscar, dessa conversa de centenário. É ridícula, não há nenhuma ra-



zão pra isso... O bom foi o passado, nós a brincar e rir com os amigos como se a vida fosse um simples passeio... E explica, Oscar, aos que insistem em festejar o seu centenário, que você tem apenas 60 anos e pode fazer tudo o que fazia nessa idade – e eles terão de aceitar o argumento indiscutível.” E a conversa prossegue: “Ah, Oscar, quando vamos ter tempo de dar um passeio? Por que você não pega a Vera, sua mulher, e o Rômulo, e vamos para a Europa descansar um pouco? Onze dias no navio à beira da piscina... e, depois, os bares e cafés dos Champs-Élysées, e a gente a ver o mundo a desfilir, os tipos mais exóticos e as mulheres bonitas, com seus sapatos de salto alto a baterem nas calçadas. E aí? Verdade, seria um bom passeio”.

## Conversa de Amigos - Correspondência entre Oscar Niemeyer e José Carlos Sussekind (2001)

“De minha parte, vou tentar conter esse pessimismo que me envolve e a idade agrava. E me faz mais ameno, certo de que a vida é rir e chorar, mas que também é bom vivê-la intensamente.

Contarei também os diálogos que tenho com meu sócia, esse ser oculto que dentro de nós existe, mais radical do que eu, desinteressado por esses preconceitos com que a sociedade nos limita tantas vezes pela vida afora. Contarei como ele me aparece nesses momentos de pausa e reflexão que me atraem, sozinho comigo mesmo, nesta pequena sala do meu escritório, a ouvi-lo de coração aberto.

Para mim o que conta é o progresso da ciência, os segredos da natureza a se revelarem. São os astronautas a passearem entre as estrelas e, quem sabe, a conversarem um dia com os nossos irmãos que pelo cosmo vivem, trocando experiências, sem resposta – como eles – para aquela velha indagação: o que somos afinal?

No Brasil tudo piorou. A miséria cresceu, a violência invadiu as ruas e o respeito humano sumiu. Com as pressões do globalismo e da privatização principalmente, perdemos uma oportunidade de reagir com mais veemência contra as imposições do imperialismo norte-americano.

Recordo o Carlos Drummond a me pedir anos atrás: ‘Oscar, quero um favor seu: um desenho para a capa do meu livro. Uma mulher nua e linda como você sabe fazer’.

### Abril de 2001

Todos gostam de um desenho de mulher nua. Às vezes, tenho prazer de abrir, num livro de arte, uma página sobre Toulouse-Lautrec, que, como eu, adorava desenhar mulheres, mulheres lindas, nas posições mais variadas. E fico logo a lembrar o Museu da Mulher (sonhado por Lucien Clergue), onde seriam exibidos, certamente ampliados, os desenhos com que aquele artista se satisfazia, vendo nos seus traços as mulheres que nunca ou poucas vezes abraçou.

Acho fundamental para um arquiteto saber desenhar, o figurativo inclusive. É ao desenhar, ao fazer seus croquis, que ele geralmente chega à solução procurada. De um simples croqui, Sussekind, surge uma casa, uma figura de mulher.

Sempre comento a importância dos encontros entre amigos. Mas como eles são diferentes! Lembro as reuniões do PCB, os almoços que um fato novo justificava, todos à volta da grande mesa, entusiasmados com a luta política que abraçavam. Era o PCB a convocá-los, a simplicidade a contrastar com os requintes da burguesia, e aquele calor, aquele riso aberto e amigo que a todos contagiava.

Confesso até hoje isso me atrai, a chamar para a mesa de almoço o meu motorista Amaro ou o cozinheiro do nosso escritório – o que eles raramen-

te aceitam. Ah, como são bons esses momentos de solidariedade, de confraternização, tão pouco cultivados?!

### Maio de 2001

Um dia, fui informado de que um colega nosso enfrentava dificuldades em Constantine, e, ao encontrá-lo, indaguei: ‘Como vai a vida?’ ‘Tudo bem’, disse-me. ‘E as mulheres?’ perguntei sorrindo. ‘Duas’, respondeu ele, otimista, com dois dedos no ar.

Li nos jornais que, visitando o prédio da Promotaria Geral da República, o presidente (*Fernando Henrique Cardoso*) declarou ser ele luxuoso demais. Uma crítica injusta. Tratava-se de um prédio público importante e que como tal deveria se apresentar.

### Junho de 2001

Foi ao folhear a *Metafísica* de Aristóteles que me deparei com esta frase esclarecedora: ‘O que move o homem a pensar, a procurar o conhecimento, é o espanto’. O espanto diante do mundo e de si próprio.

Hoje, ao chegar ao escritório, alguém falava, irritado: ‘Um grupo cantou sambas aos berros num terreno próximo à minha casa. Não dormi a noite inteira. Quase chamei a polícia’. E fiquei a olhá-lo, sorrindo, surpreso diante de tamanho desespero. E não me contive: ‘Gosto de ouvir músicas, mesmo de noite, quando quero dormir. Gosto de ver as pessoas felizes, alegres, neste mundo tão absurdo. Você precisa ouvir este samba de Martinho da Vila:

*Canta, canta, minha gente,  
deixa a tristeza pra lá.  
Canta forte, canta alto,  
que a vida vai melhorar,  
que a vida vai melhorar...”*

**Julho de 2001**

Recordo André Malraux quando – inteligente como era – enriqueceu com esculturas femininas uma das praças de Paris. Era um homem fino, sensível, amigo das artes e dos artistas de seu país. É claro que não podemos esperar o mesmo de César Maia, que na sua mediocridade confundiu autoridade com grosseria.

**Agosto de 2001**

Um dia descemos juntos de carro, de Salvador para o Rio. O Jorge (*Amado*) de *short*, sandálias havaianas, a falar de seus livros, dos amigos, das águas quentes do mar de Salvador, e eu a ouvi-lo, a lembrar como nelas mergulhei uma noite com Di Cavalcanti, 'figura máxima', como ele próprio saudava os amigos.

Sussekind, como você sabe, fico no escritório das nove e meia até a hora do jantar. Ali almoço, recebo os que me procuram e trabalho sem parar.

No meu escritório – o que sempre digo – não existe chefe, são todos iguais; o trabalho é que cria a hierarquia inevitável. Temos diante de nós o mar imenso, o céu de Copacabana, e, abraçados, cumprimos nossas tarefas.

## NO MEU ESCRITÓRIO NÃO EXISTE CHEFE, SÃO TODOS IGUAIS; O TRABALHO É QUE CRIA A HIERARQUIA INEVITÁVEL

**Setembro de 2001**

Ontem não almocei. Uma vontade de ficar sozinho, a pensar na vida, no ser humano, na fragilidade das coisas e de nós mesmos, me envolveu.

E o passado surgiu, a família, os amigos que se foram, e tudo a me parecer transitório, sem importância.

Uma grande tristeza me possuiu e emocionou. Uma tristeza mansa, quase amiga, como a me dizer que a vida é assim mesmo, que devemos nos adaptar. Não foi um momento qualquer, Sussekindver acima, não raro o procuro. Gosto de solidão, de me analisar um pouco. É coisa boa que só nos faz bem.

**Fevereiro de 2002**

*"Na folha branca de papel faço o meu risco, Retas e curvas entrelaçadas,*

*E prossigo atento e tudo arrisco*

*Na procura das formas desejadas.*

*São templos e palácios soltos pelo ar,*

*Pássaros alados, o que você quiser.*

*Mas se os olhar um pouco devagar,*

*Encontrará, em todos, os encantos*

*da mulher.*

*Deixo de lado o sonho que sonhava.*

*A miséria do mundo me revolta.*

*Quero pouco, muito pouco, quase nada.*

*A arquitetura que faço não importa.*

*O que eu prezo é a pobreza superada,*

*A vida mais feliz, a pátria mais amada.*

Um abraço,

Oscar."

**? (2004)**

Gosto da solidão. Gosto de ficar sozinho a pensar na vida, neste universo imenso que nos encanta e humilha. De sentir a fragilidade das coisas e a nossa própria insignificância.

Às vezes é o passado que aparece. Lembro meus pais e irmãos, os amigos mais queridos, perdidos para sempre, e uma tristeza mansa e silenciosa me invade e faz bem.

Outras vezes é a rua onde morávamos que surge. A casa das Laranjeiras e minha mãe na janela, aflita, a me procurar.

Outras ainda, é o pai, já internado na casa de saúde, a me olhar tristemente. Ah, como gostaria de vê-lo, de abraçá-lo, de com ele conversar mais uma vez!

Nesses momentos de pausa e reflexão, agrada-me ouvir música. Música brasileira, sambas e serestas, cheios de dramas e desesperos. Não me surpreende o que dizem; a vida é assim mesmo, e com eles me solidarizo plenamente.

Não raro a casa das Laranjeiras me vem à memória. A família católica, o retrato do papa na parede... Como tudo isso esqueci diante das misérias do mundo, abraçado aos meus camaradas do PCB!

Nenhuma preocupação com dinheiro, felizmente. Ministro do Supremo Tribunal Federal, meu avô Ribeiro de Almeida morreu pobre, deixando para nós hipotecada a casa onde morávamos. E isso foi muito importante pra mim.

Procuo segui-lo. Lembro Brasília, e eu naquele fim de mundo, JK a me telefonar: "Niemeyer, você tem problema de dinheiro. Quero que projete a sede do Banco do Brasil e a do Banco de Desenvolvimento Econômico pela tabela do IAB". E a minha resposta: "Não posso aceitar. Sou funcionário".

Não é o futuro implacável que me revolta, mas a idéia de faltar à família que sempre apoiou. Daí

este trabalhar incansável, debruçado na prancheta a vida inteira.

Recordo os antigos companheiros. O Café Lamas, o Clube dos Marimbás, as conversas na varanda, e nós a rirmos satisfeitos sem pensar que, breve, de tudo isso restaria apenas uma triste saudade.

Ah, meus velhos camaradas! A célula onde nos reuníamos, os grandes comícios, e aquela esperança de que um dia não existiriam pobres e ricos, mas todos iguais e amigos.

Prestes... como foi importante este grande Brasileiro! E me agrada lembrar o nosso primeiro encontro, e eu a lhe dizer: "Fica com esta casa. O seu trabalho é muito mais importante que o meu". E o escritório onde trabalhava, transformado na sede do Comitê Metropolitano do PCB.

Às vezes, nestes momentos de meditação, sinto, com amargura, que nada mudou. A miséria se multiplica, as crianças perambulam pelas ruas, os ricos mais ricos, os pobres mais pobres ainda. E essa violência, essa brutalidade que antes desconhecíamos.

Nada de ilusões. Somos filhos da natureza, irmãos dos bichos da terra, dos pássaros do céu e dos peixes do mar. E os seguimos, como eles nos multiplicando apaixonadamente.

Ah, como poderíamos ser felizes, a caminhar de mãos dadas pela vida afora! Esquecidos desse clima de competição e violência que um dia vamos eliminar.

Raramente a arquitetura aparece nestes instantes de reflexão. Para mim, como sempre digo, o importante é a vida, a família, os amigos, a luta por um mundo melhor.

Mesmo assim, como é bom lembrar a primeira verga de madeira, o primeiro arco, a primeira voute, as cúpulas imensas, as grandes catedrais! Agora, é o concreto armado que prevalece, com o seu vocabulário plástico incomparável.

Pouco me interessa pelo que falam da arquitetura. Sigo, tranqüilo, a minha intuição. Como surpreendo a grande maioria aos lhes dizer que a razão é inimiga da imaginação!

Ah, como é mágico ver surgir na folha branca de papel um palácio, um museu, uma bela figura de mulher! Como as desejo e gosto de desenhá-las! Como as sinto nas curvas da minha arquitetura!

Não odeio ninguém. Para mim existe em todos um lado bom que devemos considerar. Os amigos riem do que digo. Mas Lênin já afirmava que 10% de qualidade eram suficientes.

## DEFENDO SEMPRE QUE UMA ESCOLA DE ARQUITETURA FAÇA, PARALELAMENTE, AULAS SOBRE LITERATURA, FILOSOFIA, HISTÓRIA...

Hoje – não sei por que – lembrei o velho Marx. Devemos segui-lo, conscientes de que a vida será um dia mais justa e solidária. Quanto ao drama do ser humano, que Schopenhauer e Nietzsche tão bem interpretavam... é a natureza que conta, perversa, implacável.

Se essa posição realista nos entristece, ela nos garante, por outro lado, a modéstia que a fragilidade do ser humano e as nossas pobres vidas justificam.

Olho pela janela. O mar imenso, o céu azul, a praia cheia de gente. É a natureza em festa a contrastar com este mundo de sangue e desespero que o império de Bush disseminou pela Terra. Só nos resta uma esperança: é preciso a noite para surgir o dia.

Melhorar o capitalismo... Como isso me parece irrisório, vendo-o como uma etapa decadente que só lembra desigualdade e corrupção!

Quando a vida se degrada e a esperança foge dos corações dos homens, só a revolução."

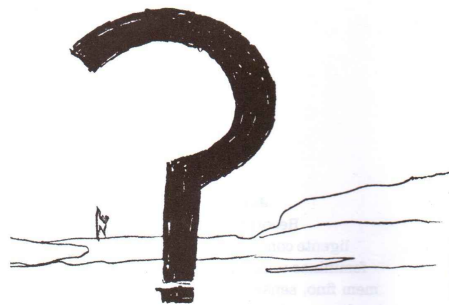
## Da conferência na Escola da Cidade (13/9/2002)

"O arquiteto tem que aprender a fazer literatura, pra escrever uma coisa mais simples, mais genérica, pra poder explicar bem o seu projeto. De modo que faço um projeto, chegando numa solução faço o texto, que

é a prova dos nove, e se não tem movimento em volta pra encher, eu trabalho. E trabalho sem nenhuma preocupação. Defendo sempre que uma escola de arquitetura faça, paralelamente, aulas sobre literatura, filosofia, história...

A gente quer saber como está o regime capitalista, a gente quer mudar a sociedade. Lembro que uma vez fui à polícia política, fui pra uma sala, tinha o delegado e a gente falava e um sujeito batia à máquina, e um momento ele (*o delegado*) disse: "pergunta final: o que é que vocês querem?", eu disse "quero mudar a sociedade." E ele: "escreva aí: mudar a sociedade".

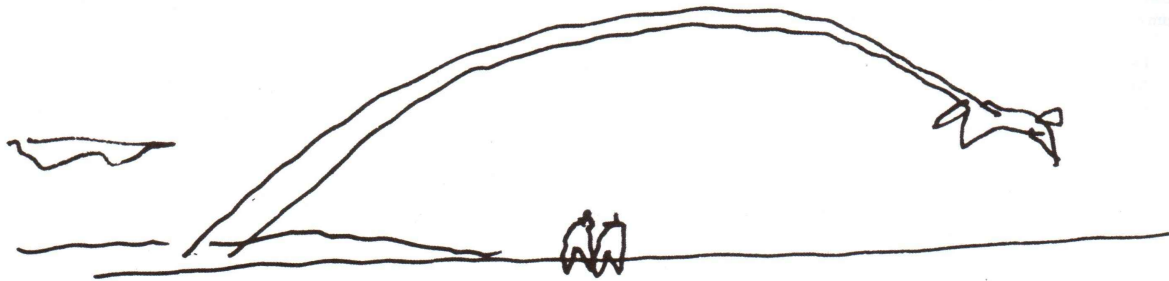
O arquiteto não faz o projeto e escolhe o assunto. Ele é obrigado a fazer o que pega. Pega pra fazer uma catedral, que é um tema de arquitetura importante, são espaços bem criados, espaços bonitos. Eu não sou católico, mas fiz. Me pediram pra fazer uma mesquita, eu fiz. Me pedem pra fazer um clube, eu fiz. Mas não gosto de fazer apartamento, nos meus trabalhos acho que não tem nenhum prédio de apartamento, se tiver é um ou dois. Porque acho que aí já entra o problema imobiliário.



Eu gosto de ler, gosto de conversar. Quando fui pra Brasília, não levei apenas arquitetos, levei dois amigos que estavam sem dinheiro, precisavam fazer qualquer coisa. Levei um médico que não sabia nada de medicina, mas era divertido, era meu amigo. Eu pensava que depois da meia-noite a gente podia se reunir, brincar, conversar, enfim, levar uma vida mais humana.

Os operários de Brasília, aquilo foi um momento especial, a gente passava o dia nas obras, trabalhava de noite, curvas se sucedendo, né? Usava a mesma roupa, comia nos mesmos lugares, e sem querer a gente tinha uma idéia de que estava começando uma época diferente, que a coisa ia melhorar. Quando veio a ditadura, por muito preconceito foi tudo separado outra vez, pra esse lado os ricos, pra esse lado os pobres. E essa briga que a gente está até hoje." ■

Sérgio de Souza é jornalista.



# Um especial parabéns a você

Havana, 10 de outubro de 2007

Ano 49 da Revolução

Querido Niemeyer,

Tuas palavras em *O Ser e a Vida* lembram-me Martí, quando escreveu *El Ismaelillo* para crianças e adolescentes. Tens meu pleno apoio em tua árdua batalha para estimular o hábito de ler. Dizes que, sem a leitura, o jovem sai da escola sem conhecer a vida.

Ler é uma couraça contra todo tipo de manipulação. Mobiliza as consciências, nosso principal instrumento de luta diante do poder devastador das armas modernas que o império possui; desenvolve a mente e fortalece a inteligência, do mesmo modo que caminhar fortalece os músculos das pernas; estimula o sentido crítico e é um antídoto contra os instintos egoístas do ser humano.

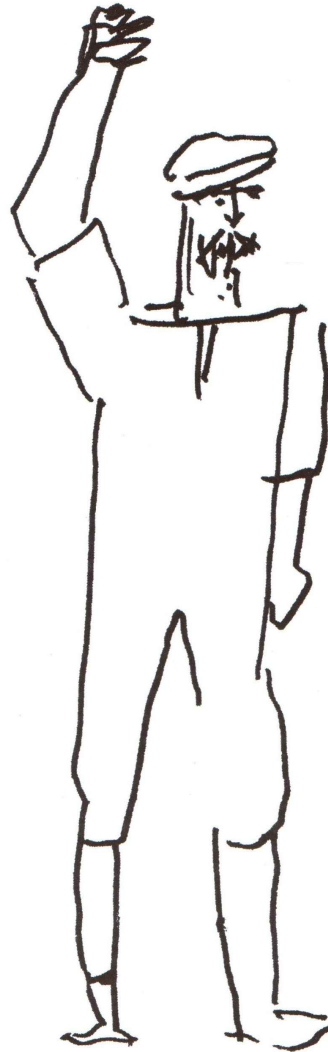
Nossa luta contra o analfabetismo foi apenas o ponto de partida para que não se perdesse nenhum talento e para que não existissem seres humanos excluídos da possibilidade de conquistar por si mesmos a mais plena liberdade. Jamais dissemos ao povo cubano "creia", e sim "leia".

Sem cultura não há liberdade nem salvação possível. Como te escrevi antes, só uma consciência maior nos manterá firmes em nossa vontade de lutar pelas idéias mais justas e pela sobrevivência da espécie humana.

Muitas felicitações por teu aniversário. Que muitas pessoas, como tu, vivam e desfrutem mais de 100 anos.

Teu amigo,

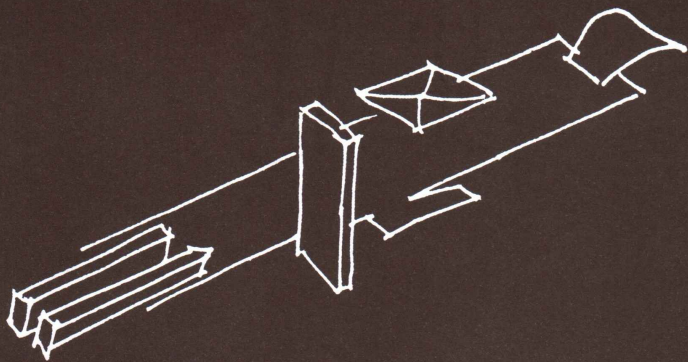
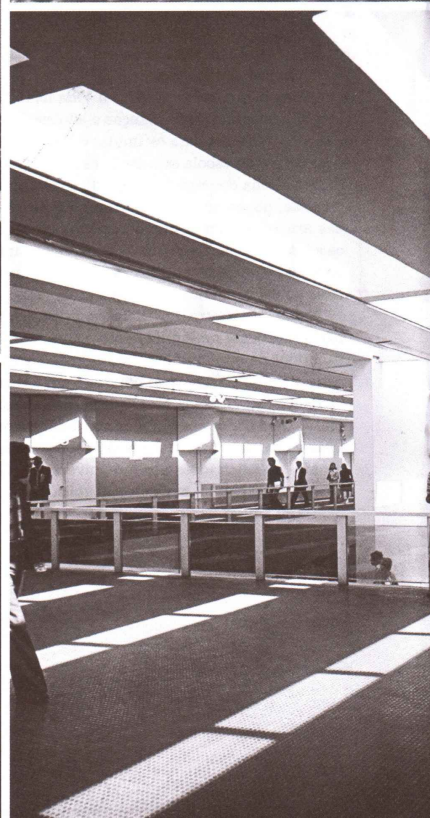
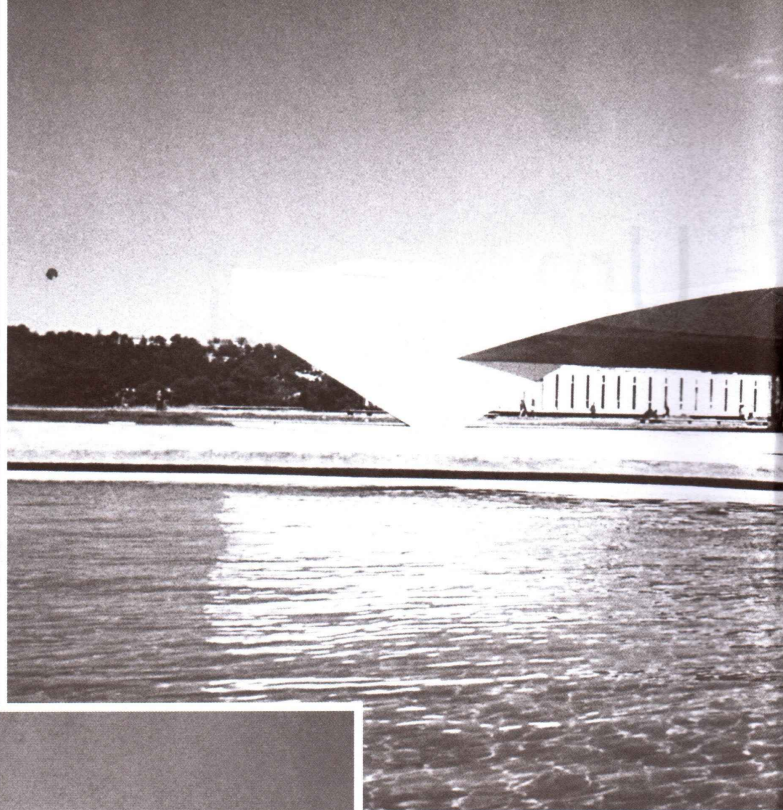
Fidel Castro Ruz

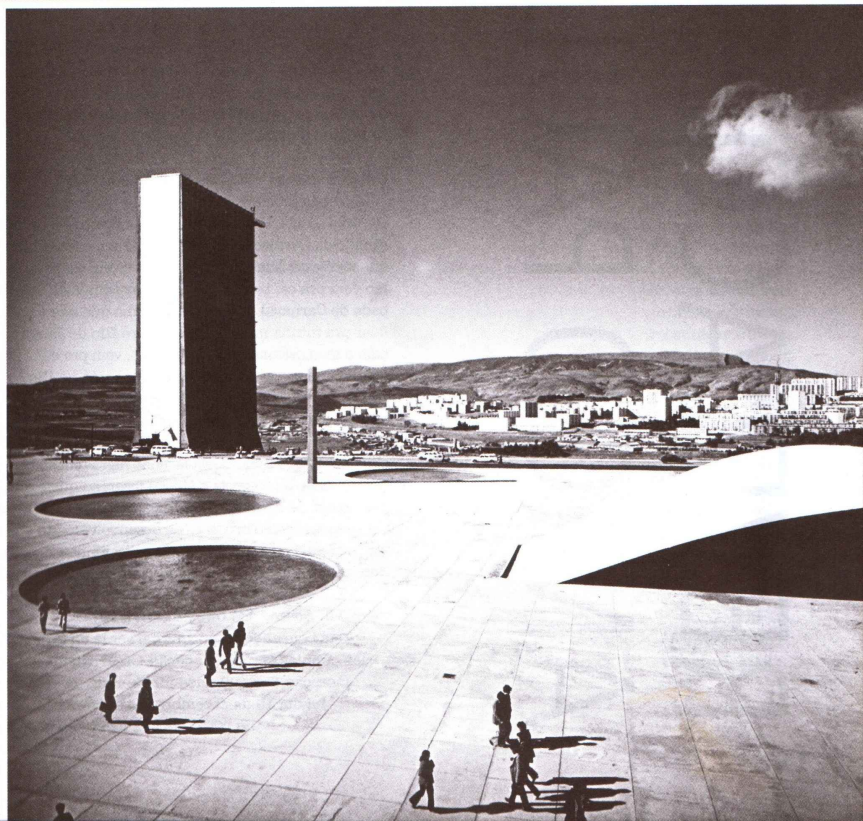
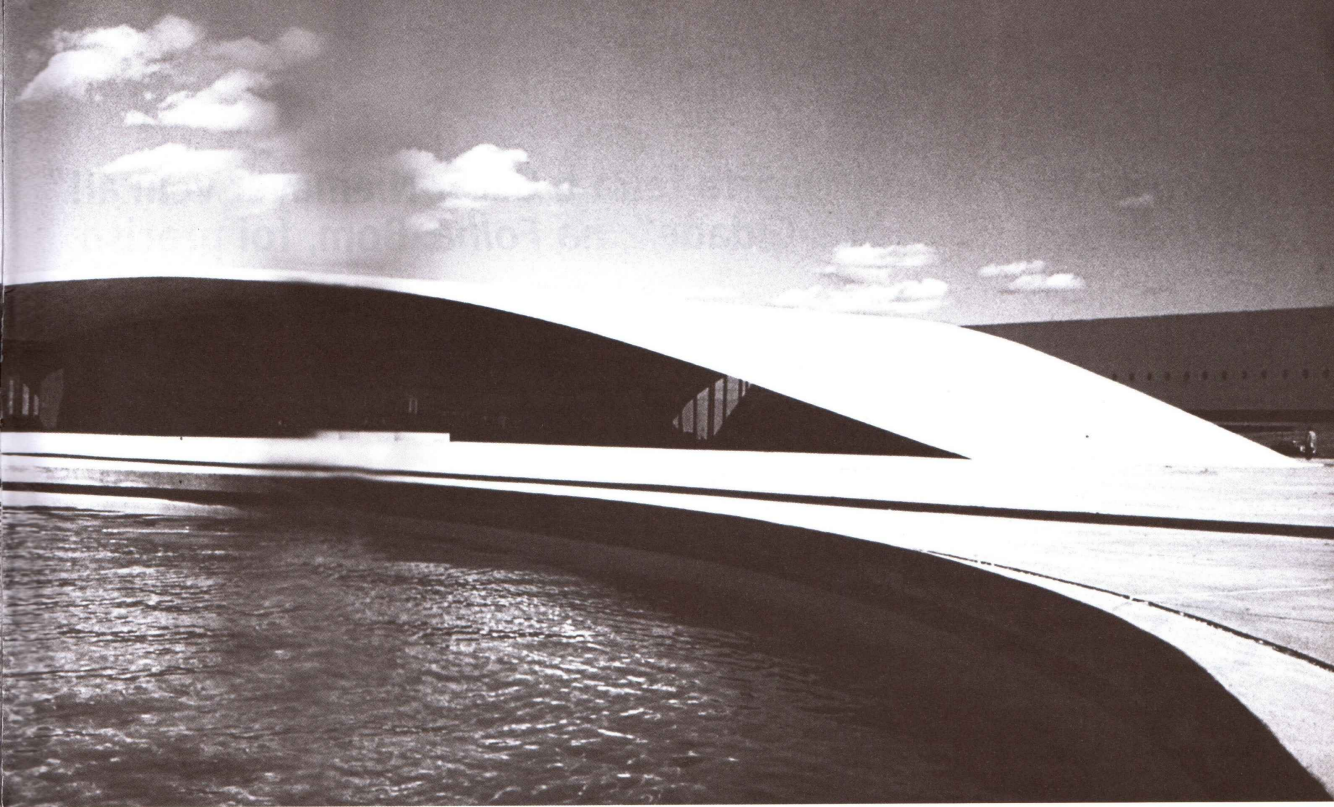


Fidel!

# UNIVERSIDADE DE CONSTANTINE

ARGEL, ARGÉLIA





## “Quarta-feira o Oscar Niemeyer vem aí!” da Cidade”, na *Folha*. Bom, foi preciso

SÉRGIO DE SOUZA E THIAGO DOMENICI

Ciro Pirondi é arquiteto e diretor da Escola da Cidade, fundada por um grupo de profissionais e amigos há seis anos, em São Paulo. Assentada sobre uma idéia original e encantadora, ela será objeto de uma reportagem de *Caros Amigos* brevemente. E porque Ciro é amigo de Niemeyer há mais de vinte anos e ambos se encontram freqüentemente, fomos procurá-lo para saber sobre o aniversariante mais importante do país.

**Thiago Domenici – NESSA EDIÇÃO ESPECIAL VAMOS TENTAR MOSTRAR O LADO PESSOAL DE NIEMEYER, O QUE ELE PENSA E FAZ ALÉM DA ARQUITETURA.**

Ultimamente ele tem escrito muito e tem um professor de sociologia e literatura que vai quase todos os dias no escritório e fica lá na bancada sentado e escrevendo e que o Oscar fala, porque o Oscar está com dificuldade de ver, então ele dita e o professor escreve. E ele tem feito isso quase que como um trabalho, tanto quanto – e isso que eu acho bonito – o desenho. Outro dia, semana retrasada, estávamos lá, ele estava desenhando, como sempre de pé, com todos os papéis no chão, e na salinha estava o professor revisando os textos com ele. E aí ele está com esses livros, um mais bonito que o outro.

**Thiago Domenici – TRATAM DE TEMAS ATUAIS?**

As capas são dele, os temas são os mais variados. Agora ele vai fazer uma escola. Há uns dois anos, portanto ele tinha “só” 98, era um sábado de Carnaval, ele telefonou lá em casa e falou assim: “Ciro, o que você está fazendo?” E eu falei: “Bom, estou em casa”. E ele: “Então vem pra cá, precisava conversar com você”. Eu falei: “Oscar, sábado de Carnaval, já tenho uma fama que não é das melhores, se eu falar pra minha mulher que vou pro Rio de Janeiro, você vai acabar com o meu casamento”. E ele: “Não, vem pra cá”. “Oscar, não dá, não é assim, eu estou em São Paulo, você está no Rio.” Passados dois minutos, tocou o telefone, sorte que foi a minha esposa que atendeu, e era ele, ela ficou toda emocionada, e aí ele falava assim pra mim: “Então, já conversou com ela, você vem?” Só sei que no domingo eu fui. E ele queria fazer uma escola lá, acho maravilhoso uma pessoa de 98 anos querer fazer uma escola e ele vai fazer, só que é uma escola que se chama Escola de Arquitetura e Humanidades Oscar Niemeyer, em que ele vai mostrar todo o processo de desenvolvimento dos trabalhos dele, como ele faz, e vai haver aulas de outras disciplinas, de antropologia, de astronomia, de filosofia, pro público em geral, não é só pra arquiteto.

**Sérgio de Souza – EM QUE PÉ ESTÁ ISSO?**

Está bem andado, porque vai ser lá na Fundação em Niterói, uma daquelas cúpulas será a Fundação Oscar Niemeyer, e agora por conta da comemoração dos 100 anos foi liberada a verba para terminar, acho que termina dia 15 de dezembro, no aniversário. No último livrinho (*O Ser e a Vida*, de 2007) ele fala da escola já de uma maneira objetiva, como vai ser,

# REVELAÇÕES DO AMIGO PAULISTA

É DE UMA FIRMEZA



# E saiu uma notinha no jornal: "Oscar Niemeyer visita Escola chamar o Detran, parou a rua. Tinha mais de 1.500 pessoas.

é por isso fala da necessidade da leitura. Esse livro é basicamente o quanto ele acha importante a pessoa ler romances, literatura em geral, para poder entender as coisas, e é um pouco o que a gente segue na Escola da Cidade, a gente aprendeu muito isso com ele, literatura a gente considera fundamental, no primeiro ano os alunos são obrigados a ler tudo, ler os mestres sobre as questões do país, do povo brasileiro como um todo, então o Sérgio Buarque de Holanda, o Gilberto Freyre, enfim, todo mundo eles são

nário, mandou uma carta muito desafortada, dizendo que devia ser um concurso público internacional, essas coisas, e ele ficou muito bravo, me telefonou, eu estava na direção do Instituto dos Arquitetos aqui (o IAB), e ele falou: "Olha, eu queria te pedir pra fazer uma carta em nome do Instituto de Arquitetos". E eu falei: "Vou fazer a carta e antes de mandar eu mando pra você, pra você dar uma olhada, ver se acha que está bem". Ele recebeu a carta e disse: "Escuta, isso aqui tá uma carta de frouxo!" Aí eu refiz a carta. Estou contando essa história, de 93,

vou te indicar". Isso durante os cinco anos de formação do menino, e o Aurélio está se formando agora no final do ano, hoje é outra pessoa. Só que continua trabalhando lá no mesmo lugar, até atendendo telefone. Acho bacana essa ação descomprometida do Oscar, mas ao mesmo tempo firme de achar que tem que mudar.

## Sérgio de Souza – E MUDA MESMO.

Ele muda, é impressionante. Eu via falando pra ele que a gente queria que o MEC aprovasse a Escola, ele queria ajudar e a gente não deixava ele interferir porque achava que não é por aí, e quando foi aprovado,

logo no começo do primeiro ano, eu estava lá no Rio e ele falou assim: "Já tem aluno?" Eu falei: "Tem, quarenta alunos". "Então eu vou lá quarta-feira." Aí eu falei: "Oscar, não fala assim, eu vou falar que você vai lá...". "Não, quarta-feira eu vou lá." E eu: "Oscar, pensa bem". E o Sussekind, que é o calculista dos projetos dele, um homem muito culto: "Quarta-feira nós vamos a São Paulo". E eu pensando: "O que eu faço com esse homem lá na Escola?" Isso aqui hoje é uma ruína mais arrumada, na época, 2001, era muito pior. Quando voltei pra São Paulo, passei a mão no telefone e liguei pro pessoal: "Quarta-feira o Oscar Niemeyer vem aí!" Aí saiu uma notinha no jornal: "Oscar Niemeyer visita Escola da Cidade", na *Folha*. Bom, foi preciso chamar o Detran, parou a rua, tinha mais de 1.500 pessoas, nessa janela aqui invadia gente. Ele falou duas horas e pouco. Depois os meninos grudaram nele e cada um queria um desenho, e ele ainda perguntava: "Mas qual desenho você quer?" E se o cara falava um desenho muito antigo ele falava assim: "Esse eu não lembro, não pode ser um mais recente?"

## Thiago Domenici – A GENTE FEZ UMA ENTREVISTA COM ELE NO ANO PASSADO E COMENTOU QUE TODA SEMANA TINHA AULAS DE ASTRONOMIA.

É, com o Bira, um astrônomo amigo dele, que é geógrafo, se não me engano, e está ajudando ele a fazer a escola, provavelmente o Bira será o diretor da escola.

## Thiago Domenici – SÃO SÓ OS DOIS NA AULA?

Não, a gente pode assistir, é pra quem quiser. É no escritório, toda terça-feira, eles pegam um vinhozinho, uma água, o charutinho dele e aí o Bira começa a falar. Na semana passada, o Oscar dizia assim pra mim: "Você sabe o que o Bira me disse? Que o Sol, você vê como a gente não é nada, o Sol é não sei quantas vezes maior que a Terra, e ele me falou que tem outros sóis, muito maiores que o nosso, e a gente fica se importando com a merda da arquitetura que a gente faz, você acha que tem cabimento? A gente fica achando que é importante, a gente não vale nada, não tem importância nenhuma, a gente vai desaparecer mesmo e a arquitetura vai virar ruína, ninguém vai lembrar quem fez". Mas a relação dele nesse aspecto é muito saudável, porque ele tem uma dimensão muito lúcida de tudo. E tem essa coisa de estar atento a tudo o que está acontecendo. Eu achei, na minha visão, que ele não ia entrar muito nessa coisa do computador, da perspectiva eletrônica, tudo agora é perspectiva eletrônica. Ele adora, acha o máximo.

## Thiago Domenici – ELE COMENTOU COM VOCÊ COMO ESTÁ ENCARANDO ESSA HISTÓRIA DOS 100 ANOS, ESSE MONTE DE HOMENAGEM?

Ele está com o saco na lua, não agüenta mais, ele fa-

obrigados a ler antes de qualquer coisa com arquitetura. Por que eles vão fazer arquitetura pra que povo, né?

## Sérgio de Souza – COMO VOCÊS SE CONHECERAM?

Quando eu estava fora do país, logo que me formei fui viajar, escrevi um textinho em um discurso que fiz sobre o desenho dele, isso era em 81, e eu mandei pra ele com um bilhetezinho dizendo que se ele não gostasse devia jogar fora, e ele gostou e publicou na revista *Módulo*. E muito gentilmente me mandou um exemplar com um bilhetezinho que quando eu voltasse para o Brasil fosse procurá-lo, e claro que foi o que eu fiz. Daí nasceu essa relação, em 83. Nesse período todo vi a postura dele sempre muito firme, muito honesta, de uma ética abissal, que ele não consegue contar com o que ele não concorda, não há acordo possível. Eu recordo uma vez que ele foi convidado por um governante da África pra fazer um monumento. Aí o pessoal da direção da União Internacional dos Arquitetos da época, da UIA, que era um pouco reacio-

para dizer da postura dele, de assim, digamos, ele acha que sou amigo dele, me sinto amigo dele, mas quando teve de me dar bronca ele não teve dúvida: "Isso aqui é uma carta de frouxo!" E ao longo dos anos percebi e percebo essa dimensão dele muito interessante que é ao mesmo tempo de uma firmeza absoluta, mas de uma generosidade como raramente eu conheci na vida, acho que não conheci nenhuma pessoa mais generosa que ele, nas atitudes mínimas. De pegar a pessoa que ele nunca viu e levar pra dentro de casa, e outras mais que tive a oportunidade de presenciar. Por exemplo, a do Aurélio. O Aurélio era o *office-boy* do escritório, entrou lá há dez anos, é um ótimo menino, de formação simples, e de tanto ver essa coisa de arquitetura começou a dar umas indiretas pro Oscar, que ele queria estudar arquitetura, aí o Oscar falou: "Bom, então presta exame, se você entrar, você vem falar comigo". Ele prestou exame, entrou, é uma escola paga e o Oscar falou: "Tudo bem, só que eu vou fazer uma exigência, cada dois meses você tem que me trazer o fichamento, me explicar a leitura do livro que eu

**ABSOLUTA, MAS DE UMA GENEROSIDADE COMO RARAMENTE CONHECI NA VIDA**

lou: “É tudo mentira, não é nada de 100 anos, é 75, esses caras inventaram isso aí”.

### Sérgio de Souza – E ELE ESTÁ ANDANDO NORMALMENTE?

Ele caiu, mas está praticamente recuperado, está andando devagarzinho, e continua trabalhando, sábado e domingo inclusive, todo dia e não tem acordo, ele chega lá às 9 e pouquinho e não tem hora pra sair. Nosso almoço é feito lá pela Maria, e na própria mesa de reunião ela tira as coisas e a gente come, fuma um charutinho depois, aprendi a fumar charuto por causa dele, a cigarrilha, aquela grandona, é muito engraçado, porque nesse último dia tinha uma entrevista pra uma revista de estudantes e ele acendeu o cigarro e disse: “Eu e o Pi-rondi, a gente só fala fumando”. Imagina, fica aquela fumaceira. Eu tenho a sensação, não posso falar isso, mas é engraçado dizer, acho que ele faz de propósito. A câmara fecha nele, e ele pfuuuuu, e: “Então, pois...”. Enfim, ele está muito consciente, e na questão política, isso eu vejo com muita clareza, ele tem uma posição muito favorável ao Chávez, que esteve visitando ele no escritório, ele o achou um homem muito inteligente. E acha que o Lula, mesmo que não esteja fazendo tudo aquilo que a gente imaginava que podia ser feito, tem muita humanidade. E está fazendo agora um grande projeto pra Espanha, é o Centro Cultural Príncipe das Astúrias, a convite do próprio rei. Estão querendo mandar um navio especial pra levar ele, mas acho muito difícil. Ele é uma das personalidades importantes da história brasileira, independente da arquitetura. Outro dia me convidaram pra falar na Bienal (*de Arquitetura*) sobre ele, e me perguntaram que homenagem fazer no aniversário. Eu disse que a gente devia fazer um silêncio pra pensar que país a gente teria se tivesse tido a ética que ele teve, a postura que ele teve. Realmente teria sido outro, muito melhor do que esse em que a gente vive hoje. Essa seria a melhor homenagem pra ele. E ele vai cair fora, vai lá pra fazenda perto do Rio.

### Sérgio de Souza – TODO FIM DE SEMANA ELE VAI PRA LÁ?

Não todos, mas alguns, esse do aniversário ele disse que vai pra lá e só ele e a família, não quer ninguém mais. Quando ele fez 90 anos teve uma grande festa na Casa das Canoas, a casa dele, um jantar, foi um dos eventos mais bonitos em que já fui na minha vida, e a postura dele, tudo, estava todo mundo lá, a família e os amigos, o Chico Buarque, o Ziraldo, o Ferreira Gullar, toda a turma, mas este ano ele não quer mais porque já começaram com coisa de querer fazer uma grande festa pra não sei quantas mil pessoas, “nada disso, estou fora, não quero”, e ele vai pra essa fazendinha. E vou falar uma coisa que não tenho total certeza, mas essa fazenda é da família

da mulher do dono da Globo, do Roberto Marinho, dona Lili, parece que o Oscar tinha uma amizade antiga com a dona Lili, e ela sabia que ele adorava a casa da fazenda, então um dia pegaram a área da fazenda, separaram um quadrilátero e ela doou para ele, com casa e tudo. Aí ele fez uma capelinha branquinha, linda, que você jamais diria que é a capela do Oscar Niemeyer – está lá na fazenda.

### Sérgio de Souza – E A FAMÍLIA?

O Oscar, apesar dessa formação de esquerda tão forte nele, e normalmente a questão da família é um pouco vista como uma atitude pequeno-burguesa, família é tudo pra ele, ele fala isso e a gente vê, do tataraneto ao bisneto, ao neto, todos ele tem perto, e fala assim quando vê muita gente lá: “Tá vendo por que eu preciso trabalhar muito?”

### Sérgio de Souza – ELE TEM QUANTOS FILHOS?

Ele tem uma filha, a filha teve duas filhas e aí foi desdobrando, e ficou todo mundo muito próximo. Tem uma coisa bonitinha que ele falou uma vez e eu nunca esqueci: logo que a esposa dele, dona Annita, faleceu, ele ficou muito mal, aí a gente estava ali fumando um cigarrinho e ele falou assim: “É, eu por vezes acordava e fazia de conta que não tinha acordado só pra ela vir me chamar, eu gostava que ela vinha me chamar”. Eu fiquei tão emocionado, quase chorei.

### Sérgio de Souza – ELE É UM ROMÂNTICO TAMBÉM.

Ele é, ficava acordadinho esperando... eles chamam o Oscar de Dindim, acho que está ligado à música do Tom Jobim, Dindi, e ele falou pra mim isso daí, que ela vinha e falava “Dindim, está na hora”, “e batia nas costas, eu estava acordado fazia tempo, mas eu gostava de ver ela me chamar”. Quando ele completou 90 anos e fizeram aquela grande exposição aqui no Ibirapuera, ele veio e lançou o livro dele de memórias, onde fala dos amigos dele em São Paulo. A gente estava bebendo uísque, em uma mesa em frente do museu onde estava a exposição, milhares de pessoas, muita gente, e ele sentado assim, no reservado, e eu fui pra lá porque ele me chamou pra falar se eu tinha gostado do discurso que ele tinha feito. Aí estava o Paulo Mendes da Rocha e eu fiz assim: “E você, Paulinho, quantos anos?” O Paulo falou: “Setenta...”. E o Oscar: “Que saudades dos meus 70 anos”.

### Sérgio de Souza – O PAULO MENDES DA ROCHA TAMBÉM CONVIVE BASTANTE COM ELE?

Teve muitas passagens do Paulo com ele, o Paulo admira o Oscar, eu nunca ouvi o Paulo falar uma frase que não fosse de elogio para o Oscar.

### Thiago Domenici – MESMO ASSIM ESTÃO INSISTINDO NISSA RIXA ENTRE OS DOIS, NÉ?

É mentira isso que saiu nessa revista *Piauí*, eu

estava junto no dia dessa reunião que o cara fala que foi aquilo, é mentira.

### Sérgio de Souza – QUEM FOI?

Não sei, um cara aí, pra dar uma de bacana, disse que o Paulo brigou com o Oscar nesse dia do convite para a obra do Tieté, é mentira. Foi no Hotel Ca'Doro, em uma tarde de sábado, eu tenho escritório junto com o Paulo, o Paulo me chamou, nós fomos lá, o Oscar estava esperando, conversaram e o Paulo explicou pra ele que não podia aceitar o convite porque na época era presidente do IAB, e o presidente do IAB não pode aceitar fazer um trabalho público, só por isso, e o Paulo até indicou alguns nomes que ele achava que podiam desenvolver o projeto, e o Oscar entendeu, aceitou alguns pontos que o Paulo citou. Aquilo lá é tudo fantasia daquele cara. Outro dia o pessoal da Globo me chamou pra falar, porque vão fazer o especial do Oscar. Aí começou, o cara no telefone pra mim, eles são todos arrogantes, um cara lá do Rio: “Então, mas nós não queremos que você só fale as coisas boas, queremos que você faça uma crítica...”. Eu falei: “Então é melhor você chamar outro. Porque acho assim, nós já não temos ninguém, o Brasil vive paupérrimo na questão cultural, artística, aí você mata o Oscar Niemeyer, já matou o Tom Jobim. Vai sobrar quem? Se é uma coisa inteligente, tudo bem, todo artista, toda pessoa merece uma crítica, mas não é o caso. O cara está com 100 anos, você vai fazer uma homenagem pra criticar? Criticar o quê?” Acabei com ele no telefone. “Não, não, doutor, o senhor está entendendo errado.” “Não, não estou entendendo errado. Se você quer que eu vá falar sobre as coisas que o Oscar Niemeyer fez em São Paulo, e ele só fez coisas belíssimas que já constituem a memória paulistana, tudo bem. Agora, se começar com aquela besteira, “por que não pôs árvore no Memorial?”, vá pra...! Não pôs árvore no Memorial porque ele tem um monte de projeto que não tem árvore, mas no entanto fez o maior parque da cidade. Isso ninguém fala. Que é o parque do Ibirapuera. Então esse tipo de crítica é infeliz, é infantil, não tem sentido. Ou que Brasília não tem esquina. Ou que Oscar Niemeyer é mais escultor que arquiteto. Por favor! É só quem não entende nada de arquitetura que fala isso.

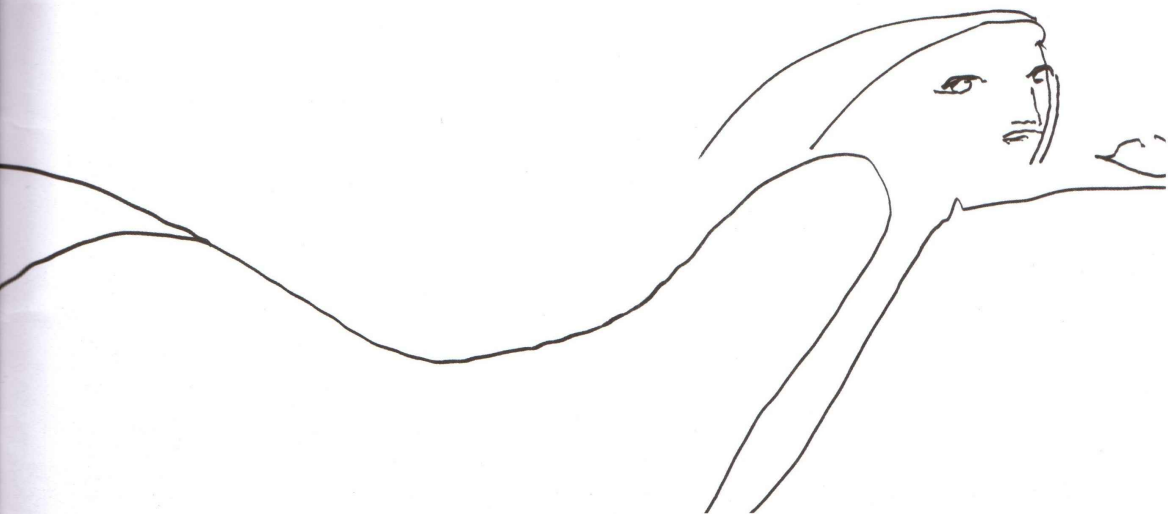
### Sérgio de Souza – MAS E AÍ, TE ENTREVISTARAM?

Aí, depois eles insistiram e eu fui. Me levaram no Copan, no Ibirapuera, não sei aonde, e eu falei de cada lugar o que eu achava. Mas: “Crítica, por favor, hein, só se for consistente”. Ele mesmo critica as coisas, fala do que fica melhor ou pior, mas um homem que talvez seja o arquiteto que mais construiu na história da arquitetura brasileira – só mais de seiscentos projetos no mundo inteiro, acho que mais de duzentos construídos! 📌

Sérgio de Souza e Thiago Domenici são jornalistas.

CADEIRA DE BALANÇO  
DESENHADA EM 1978

---



POLTRONAS DE  
COURO E METAL – 1972

---



# "Oscar é um tremendo brincalhão"

IVAN ALVES FILHO

As comemorações em torno do centenário de Oscar Niemeyer parecem, a meu juízo, demasiadamente centradas nos episódios mais marcantes da extraordinária carreira do arquiteto. Dá até para entender que seja assim. Trata-se, realmente, de um artista incomum. Um gênio mesmo. Mas, em geral, muito pouco se comenta a respeito do homem. Fala-se do que ele criou – mas não do criador, propriamente. Vale dizer, recebemos uma avalanche de informações sobre o Niemeyer e quase nenhum dado sobre o Oscar. Talvez seja o caso de começar a inverter o eixo das comemorações. Pois o Oscar é ainda maior que o Niemeyer.

É importante recordar que o homem explica o arquiteto e não o contrário. O Oscar é também Niemeyer por se tratar, acima de tudo, de um ser humano solidário. Essa sua maior marca. Quem convive com ele – e sinto-me honrado de ter herdado sua amizade a partir de meu pai, jornalista Ivan Alves – não pode deixar de admirar a maneira como lida com os amigos. E o Oscar possui uma legião deles pelo mundo afora. Amigos de todos – ou quase todos – os credos políticos; do liberal Juscelino Kubitschek ao chefe comunista Luís Carlos Prestes. Amigos de vários países e horizontes. De André Malraux a Le Corbusier e deste a Fidel Castro e Jean-Paul Sartre. Pois Oscar Niemeyer se relaciona com pessoas de carne e osso e não com ideologias, grupos ou nacionalidades. Íntegro, cordialíssimo, amigo de seus amigos, Oscar é um humanista visceral. O humanismo é para ele algo natural, como a respiração e o bater do coração.

Foram inúmeras as vezes em que Oscar socorreu amigos em dificuldades financeiras ou políticas. Eu mesmo posso dar testemunho disso. Quando cheguei em Paris, após uma passagem traumática pelos porões da ditadura militar, ele fez questão de me levar com ele para a Argélia, onde edificava importantes obras, como a Universidade de Constantine e a Mesquita de Argel, verdadeiras obras-primas da arquitetura contemporânea. Oscar providenciou até mesmo o meu ingresso clandestino naquela ex-colônia francesa, então em marcha ba-



tida para o socialismo. Pude conhecer vários cantos da Argélia – da bela capital Argel ao deserto do Saara e deste à montanhosa Cabília. O Oscar sabia que o entusiasmo que reinava no país recém-libertado do jugo colonial terminaria por me contagiar. Ele tinha razão: eu nunca mais me esqueci da Argélia e da luta do povo argelino por sua libertação.

Um dos traços mais impressionantes da personalidade do Oscar é sem dúvida sua alegria de viver. A jovialidade é parte fundamental do seu cotidiano. Oscar nunca confundiu seriedade com chatice. Daí se permitir maravilhosas brincadeiras com parentes e amigos. Sobretudo com os amigos, talvez.

## Duas enormes pegadinhas

Certa vez Oscar levou seu querido companheiro Duprat para a França sem que Duprat...soubesse! Como? É relativamente simples, ao menos para o Oscar: ele combinou com o pessoal do Galeão que Duprat iria viajar para a França mas seu passaporte e sua passagem seriam mostrados antes às autoridades, sem o conhecimento do próprio Duprat. Em seguida, Oscar convidou Duprat para atravessar com ele o portão de embarque do aeroporto, alegando atraso no voo e que seria muito desagradável ficar esperando sozinho na saguão. Pior: convenceu o amigo a acompanhá-lo até o avião – “Você pode entrar, o voo está atrasadíssimo”. Duprat concordou. Pouco tempo depois, lógico, a nave levantaria voo até Paris! Com o pobre – ou o sortudo, dependendo da ótica do prezado leitor – do Duprat a bordo.

Oscar apontaria de novo com Duprat algum tempo depois. Eu conto. Como Duprat era de origem francesa – o que não é lá muito difícil de imaginar... –, um belo dia ele perguntou ao Oscar como poderia proceder para obter informações sobre sua família na França. “Deixa comigo”, prontificou-se Oscar. “Qual a cidade mesmo? Ah, eu conheço o prefeito de lá, Duprat, ele é do Partido francês”. Dali a algum tempo chegava uma carta – que o próprio Oscar fizera redigir em francês... – e o teor da carta era simplesmente dramático. Nela, podia-se ler que os membros da família Duprat haviam abandonado a França e se refugiado na América do Sul, ao que tudo indicava, depois de cometer incontáveis delitos e crimes, incluindo aí assaltos a carruagens nas precárias estradas da região... Duprat ficou possesso. Parecia que o homem iria explodir. Pôs-se a xingar os comunistas de tudo quanto era nome, alegando que o prefeito assim procedia para se vingar de sua família, que pertencia à mais fina nobreza de França... Enquanto o Duprat extravasava sua raiva, Oscar afetava constrangimento, fingindo lamentar profundamente a situação provocada pela família de Duprat, dando crédito total à versão do “prefeito comunista”. “Lamento, mas o homem não iria mentir...”, dizia o Oscar. Duprat soube que tudo não passara de uma brincadeira e perdoou naturalmente o amigo querido.

Mas, a bem da verdade, quem não perdoaria o Oscar, a mais doce das criaturas, o sujeito mais brincalhão que conheci, o maior brasileiro vivo?

E, por tabela, o nosso maior arquiteto?

Ivan Alves Filho é historiador.

# O discreto moço que desenhava bem

MARIA ELISA COSTA

Pela circunstância de ser filha de Lucio Costa, conheci Oscar tão pequena que nem sei se as lembranças que tenho são de fatos ou de fotos. Foi em Nova York, quando foram projetar o pavilhão do Brasil para a Feira Mundial de 1939.

Nas trajetórias dos dois, houve quatro interseções, e o pavilhão do Brasil foi a terceira delas. A história é conhecida: houve um concurso para o projeto, Lucio ganhou o primeiro lugar e Oscar o segundo. Ao perceber no projeto de Oscar ingredientes novos, sobretudo em relação à liberdade da implantação do edifício, Lucio o convidou para juntos elaborarem, em Nova York, um terceiro projeto, que revelou ao mundo que ao sul do equador alguma coisa inesperadamente rica estava acontecendo.

A interseção precedente ocorreu no edifício do antigo Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio Capanema, projetado em 1936 e ainda em construção por ocasião da Feira Mundial de Nova York. Houve um concurso para o projeto da sede do ministério recém-criado, cujo titular era o mineiro Gustavo Capanema, homem sensível e inteligente. Insatisfeito com o resultado do concurso, pagou os prêmios, mas o anulou, e convidou Lucio Costa pessoalmente para fazer o projeto. Lucio houve por bem montar uma equipe e, além de seu sócio, Carlos Leão, convidou Afonso Eduardo Reidy e Jorge Moreira, que haviam participado do concurso, Ernani Vasconcellos, a pedido de Jorge Moreira, de quem era sócio, e Oscar Niemeyer (que na época estagiava no seu escritório).

Consciente de que aquela seria a primeira oportunidade mundial de construir um edifício de grande porte de acordo com a doutrina de Le Corbusier, Lucio recusou-se a começar a obra sem o aval do mestre. Capanema terminou por levá-lo ao Catete, para que pleiteasse a causa diretamente com o presidente Vargas. Diante da apaixonada insistência do jovem arquiteto, Getúlio acabou concordando: "Se é tão importante assim, tragam o homem!" E o "homem" veio de Graff Zepelin, permanecendo no Rio por quatro semanas e tendo à sua disposição um moço discreto que desenhava

bem, chamado Oscar Niemeyer Soares.

A terra fértil do talento de Oscar recebeu ao vivo a semente corbuseana, e com a liberdade do trópico gerou belos frutos, livres e saudáveis, que deixaram marca definitiva no sotaque brasileiro do movimento moderno – Lucio costumava dizer que Le Corbusier era a força, Mies van der Rohe a elegância, e que o Oscar introduziu a graça.



A DUPLA: LÚCIO E OSCAR

A presença dele no escritório que Lucio tinha com Carlos Leão, em 1935, foi a primeira interseção direta entre as trajetórias dos dois. Era uma época de trabalho escasso, já que a clientela antiga queria casas "de estilo" que ele já não fazia mais. Assim, quando Oscar procurou o escritório, lhe foi dito que não havia condições de contratá-lo. A surpreendente resposta foi nada menos do que "então eu pago para trabalhar"! Ficou acertado que evidentemente ele não pagaria, e que freqüentaria o escritório pelo tempo que quisesse, como uma espécie de estagiário, sem remuneração. Assim, quando houve o episódio do ministério, ao saber que o sócio do Jorge Moreira seria incluído na equipe, Oscar reivindicou a sua própria inclusão, o que, a meu ver, revela o quanto, desde então, já tinha plena consciência do seu talento.

Vinte anos depois do ministério, aconteceu Brasília, último encontro profissional entre Lucio Costa e Oscar Niemeyer.

## Artista popular

Lucio "inventou" a nova capital absolutamente sozinho em casa, e ganhou o concurso público para o plano piloto da nova capital. Na concepção da parte monumental da cidade, onde determinou a implantação dos prédios e a volumetria construída, ele já sabia contar com a excepcional – e indispensável – presença da arquitetura do Oscar na tradução arquitetônica dos edifícios. É incrível que a praça dos Três Poderes não seja fruto de uma só cabeça, como à primeira vista se poderia imaginar, mas da soma de duas personalidades tão diferentes, mas unidas pela convicção com que ao longo da vida batalharam pela qualidade da arquitetura brasileira.

A meu ver, Oscar é o único artista plástico popular do século 20, não apenas no sentido da sedução instantânea que sua arquitetura exerce sobre as pessoas comuns, mas pela liberdade com que é assimilada, incorporada e recriada por essas pessoas.

E, com o passar do tempo, a coerência das suas convicções políticas, a sua generosidade, seu amor ao Brasil e o seu jeito de ser, tão completamente carioca, o tornaram um personagem querido em todo o país, uma referência "do bem", independente do vulto e do valor da sua obra. ■

Maria Elisa Costa é arquiteta.

# As duas preciosidades guardadas pela jornalista

CÉLIA CHAIM

Não sei como me referir ao senhor. Quando os líderes do Congresso chamam uns aos outros de “senhor, sua excelência”, qualquer reverência formal está esculhambada. Tratá-lo como “você” me parece a decisão mais limpa. Vamos lavar os olhos – como sugeriu o muito amado Darcy Ribeiro – para admirar seus “fazimentos” e seguir ao pé da letra suas frases inesquecíveis. “Mais vale errar se arrebatando do que poupar-se para nada”, dizia o poeta Darcy. Penso em você toda vez que passo pelo edifício Copan, no centro de São Paulo, onde os paulistanos, às vezes sem saber a origem daquela construção monumental, vêem a única onda que esta cidade austera e seca pode lhes proporcionar. Apesar de o edifício estar fora da sua concepção original, podendo ser atribuída a você somente a forma exterior, o Copan continua sendo um marco referencial da maior importância para a cidade. Em seus quase 5.000 apartamentos já moraram Cauby Peixoto, Di Cavalcanti, Plínio Marcos, o arquiteto Paulo Mendes da Rocha, entre muitos outros conhecidos.

Que bom seria se você conhecesse os anônimos que se orgulham de viver de verdade numa de suas obras. Como a memorável dona Carminha, que morreu na quitinete cujo único defeito era a porta “muito pequena” para que pudesse entrar e sair sem dificuldades, tamanha a sua obesidade. Ela parecia ter saído do clássico *Amarcord*. Como a obra-prima do cineasta italiano Federico Fellini (1920-1993), o Copan tem muitos personagens: mulheres e homens atraentes, vendedores ambulantes, o músico deficiente, gays de todas as idades, viúvos e viúvas. Aposentados, mãe-de-santo, moças de programa, jovens, estudantes, artistas. Ninguém perturba ninguém – quando podem, se ajudam. Também em São Paulo, você precisaria ter visto recentemente a alegria das pessoas dançando num dos espaços do Memorial da América Latina, obra que ocupa quase 85.000 metros quadrados, única no continente americano. Cuidado: ouvi gaiatos falando em mexer em alguma coisa do Memorial.

Há doido para tudo. Ou foi doido ou delirou o ex-prefeito do Rio de Janeiro, César Maia, ao bater pé no polêmico projeto de construir uma filial do mu-

seu Guggenheim na cidade. Em 2003, à custa do dinheiro do contribuinte? O projeto não foi longe, mas surpreendeu pelo exercício obcecado da macaquice nacional. Será que César Maia, observando hoje o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, não se avexa por um dia ter pensado em alguma grande obra brasileira sem Niemeyer? Será que ele sabe que esse comunista confesso, depois de Brasília, fez a Universidade Constantine, na Argélia; a sede do Partido Comunista em Paris; a Pampulha, em Belo Horizonte; a editora Mondadori, em Milão; o Pavilhão Hyde Park, em Londres, entre muitas outras?

O ex-prefeito de Niterói, José Roberto Silveira, conta (no seu livro sobre o museu) uma história engraçada sobre esse projeto cercado pelo mar, com uma arquitetura “que decorreu espontânea como uma flor”, como você disse. O caso: num restaurante em que vocês conversavam sobre a obra, ele, José Roberto, pediu ao garçom uma folha de papel para ver o esboço da obra. Rapidamente, lá vinha ele trazendo folhinhas pequenas, dessas de recado, quando foi interceptado por outro garçom, ouvinte atento da nossa conversa, que o censurou baixinho: “Rapaz, traz uma folha maior... este homem fez Brasília!” Niemeyer não ouviu o diálogo, mas em questão de segundos tinha uma folha de papel ofício immaculadamente branca onde o ‘pássaro’ voou pela primeira vez. Diante da obra, o escritor Antônio Callado, autor do célebre *Quarup*, se deslumbrou: “Estou encantado com a flor que Niemeyer plantou em frente à ilha de Boa Viagem, e que a prefeitura regou. É impressionante, um belíssimo contraponto da modernidade com as edificações barrocas da ilha. Só poderia ser obra de um gênio”.

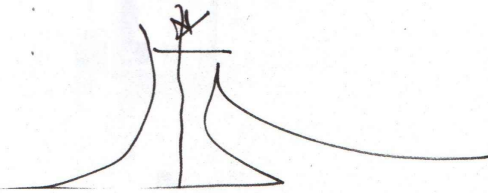
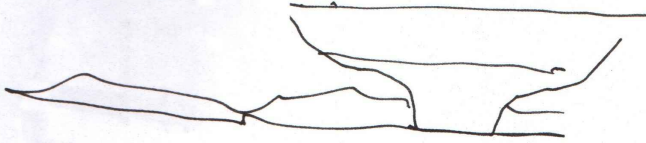
## Será lembrado no século 30

Não fique embaraçado diante do elogio – muito, muito freqüentemente brasileiros e estrangeiros se referem assim a você. “Não há quem duvide que o arquiteto Oscar Niemeyer será o único brasileiro ainda lembrado no século 30”, escreveu o arquiteto Ruy Ohtake.

Também com freqüência, este país que desperta paixões e, ao mesmo tempo, revolta por seu desprezo à miséria, à violência, educação e saúde (basta ligar a televisão para ver o estado de barbárie dos hospitais públicos), acomoda pessoas que passam impunemente sobre nossos melhores sonhos. E se tivessem deixado os Cieps se espalharem pelo Brasil? Os Centros Integrados de Educação Pública, paixão de Darcy Ribeiro, projeto seu e grande realização do governo de Leonel Brizola no Rio de Janeiro? “Quantas perfídias fizeram contra o projeto dos Cieps e do sambódromo!”, li no seu livro *As Curvas do Tempo*.

E Darcy, sempre Darcy, lembrando da enorme alegria que você demonstrava ao dar obras tão belas à criança das áreas mais pobres do Rio. “Se tivessem sobrevivido como foram criados na década de 80, a educação pública no país não estaria com os dois pés afundados na lama, as crianças com certeza teriam avançado para a vida digna que todas merecem. A depauperação do modelo Cieps conseguiu com a desgraçada posse do malfazejo Fernando Collor de Mello.” E, veja você, como

Paes - Célia  
ou um desenho



está este país. Collor voltou – e pior ainda, cheio de si. É o retorno do imperador tresloucado de Alagoas, ex-presidente do Brasil.

Com certeza, ele e outros brasileiros da sua turma e fora dela seriam tomados por uma alergia fatal se algum dia tivessem lido ou ouvido alguém comentar sua confissão de que “morreria de vergonha se fosse rico”. E como eles gostam de dinheiro – sujo, roubado da população, traquinado no mercado financeiro, contrabandeado, escondido na bela Suíça. Dá nojo e revolta ver essa gente circulando sem nenhum constrangimento em nossa terra, sempre em busca de mais dinheiro – dinheiro sujo, dinheiro de contrabando, dinheiro dos cofres públicos, o dinheiro escondido fora do país. É, gente desavergonhada!

Nem você – sempre apontado como o mais importante criador do país –, nem nós, brasileiros vítimas de ganância geral, mereceremos isso. O que tira meus pensamentos dessa lama é ler uma entrevista que poucos anos atrás você deu ao semanário alemão *Der Spiegel*. Diz a reportagem: “Ele (você) nem mesmo se preocupou em apresentar um projeto para o terreno do World Trade Center, apesar dos convites: ‘Tenho realmente outras preocupações. Preocupam-me as bombas que os norte-americanos jogam nos outros países. É uma covardia, esses países são em parte totalmente indefesos. É uma vergonha. E quase ninguém protesta na Europa’”.

Imagino que não é de hoje que você sabe muito sobre a covardia norte-americana. Durante vinte anos os Estados Unidos proibiram a sua entrada no país porque você nunca escondeu de ninguém sua escolha pela igualdade social, seus princípios e ideais comunistas. Isso lhe custou caro nos anos da ditadura militar do Brasil. Sua revista, *Módulo*, teve a sede destruída, seus projetos começaram a ser misteriosamente recusados e clientes a desaparecer. Eram os tempos aterrorizantes da ditadura que tomou o poder de João Goulart, matou, torturou, exilou sabe-se lá quantos brasileiros sob o comando inicial do facinoroso Médici. “Lembro que um dia, convidado para elaborar um projeto em Miami, estando em Roma, tentei obter o visto de entrada no consulado americano daquela cidade. ‘Impossível’, disse a moça que me atendeu. ‘É pessoal?’, perguntei. ‘Sim’, ela respondeu, e

eu lhe disse sorrindo: ‘Você sabe que fico até contente. Se depois de vinte anos vocês insistem em me recusar o visto, é sinal de que continuo o mesmo.’”

#### A casa do motorista

É uma página difícil de virar, a da dolorosa ditadura. Mas virei. Por sorte, encontrei num de seus livros a sua resposta a uma indagação rotineira dos que sabem das obras que você criou mundo afora – a de que você é rico. “Duas coisas guardo com satisfação: uma é o desinteresse pelo dinheiro que mantive por toda a vida; a outra, minha vontade de ajudar as pessoas, ser-lhes útil, dividir... Tendo trabalhado muito, é natural que pensem que sou um homem rico. Nunca me preocupei especialmente com o problema do dinheiro, adaptando-me tranqüilamente às incertezas e imprevistos da vida.” E prossegue: “Ninguém imagina quantas vezes trabalhei graciosamente, como fico longos períodos sem nada receber, como divido com meus amigos os projetos que elaboro, convidando-os a participar comigo”.

Niemeyer querido, a sua generosidade é tão grandiosa quanto você. “Com que satisfação comprei o apartamento de Luís Carlos Prestes! Lembro que naquela época apressei o Acácio, seu secretário: ‘Providência a escritura rapidamente, que o dinheiro pode acabar’. Foi um ato natural de pura amizade. Admirava o velho Prestes, era meu amigo e isso me bastava. Poucas vezes na vida me senti tão bem comigo mesmo.” Me desculpe a indiscrição, mas você sempre teve fama de mão-aberta – também de rebelde, desde pequenininho.

Esta carta está ficando muito longa, sob o risco imediato de se tornar aborrecida. Gostaria de falar sobre seus anos em Paris, sobre todas as suas obras, suas frases, contar de sua rebeldia de “nascença”, seu gosto por futebol. De suas curvas do tempo... de seus grandes amigos. Mas não consigo deixar de lembrar de uma história contada no livro *Oscar Niemeyer*, escrito pelo jornalista Marcos Sá Corrêa. Vamos ao resumo dela: o motorista Amaro Paes Filho mora com a mulher, um filho e dois cachorros na favela do Vidigal, de onde se pode ver muito da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro. Seria uma história banal se Amaro e sua família não morassem numa casa de 60 metros projetada por você. A casa foi copiada por alguns vizinhos. “Casinha assim, igual à minha, não tem, pode procurar à direita e à esquerda. A turma até fica de olho grande.” Como você repetiu inúmeras vezes, “a vida é mais importante do que a arquitetura”.

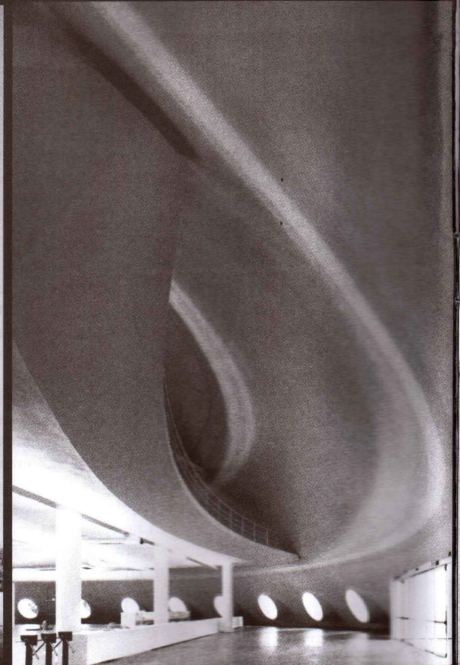
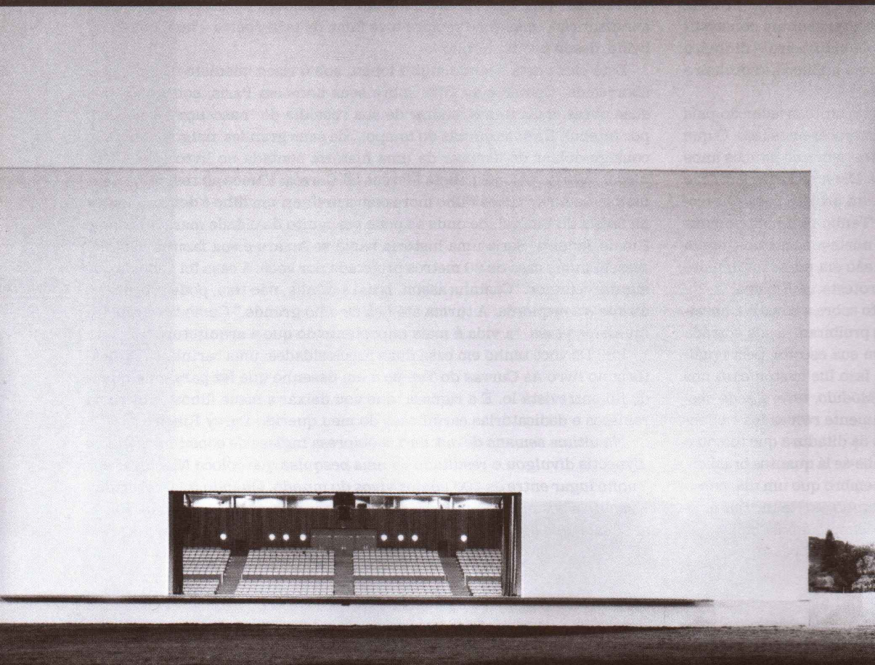
PS.: De você tenho em casa duas preciosidades: uma carinhosa dedicatória no livro *As Curvas do Tempo* e um desenho que fez para mim quando fui entrevistá-lo. É a riqueza que vou deixar a meus filhos, junto com rabinos e dedicatórias carinhosas do meu querido Darcy Ribeiro.

Na última semana de outubro, a empresa inglesa de consultoria *global Synectis* divulgou o resultado de uma pesquisa que coloca Niemeyer em nono lugar entre os 100 gênios vivos do mundo. Quando foi informada sobre a pesquisa, Vera Lúcia Cabreira, mulher de Niemeyer, riu. Ela sabe que seu marido não dá importância a essas listas. 🏠

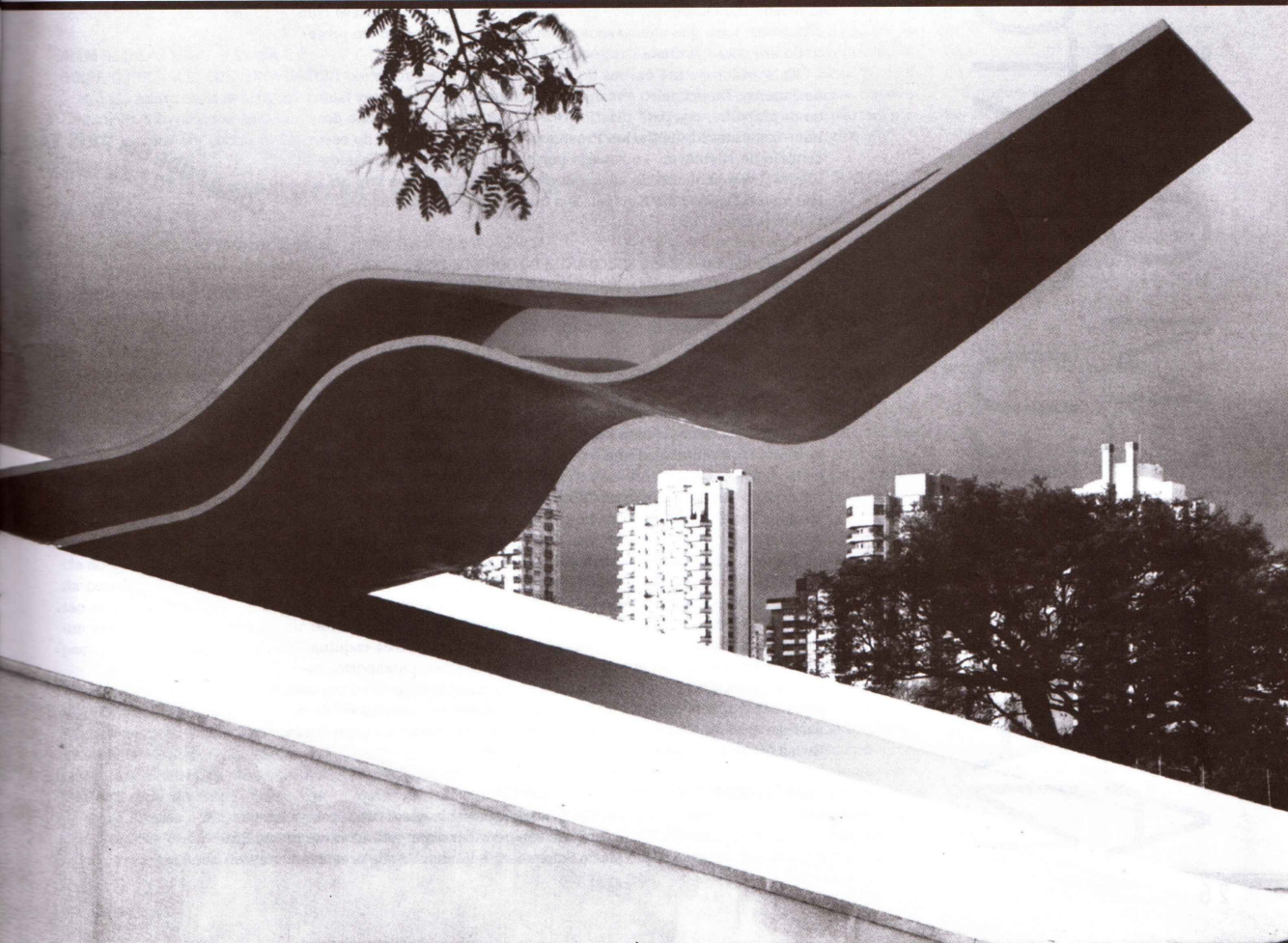
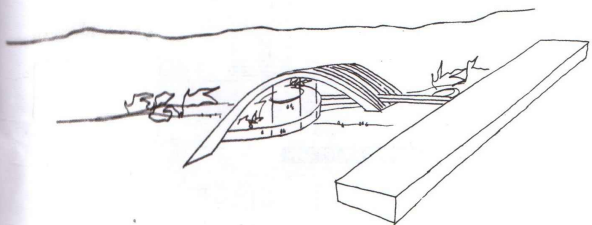
Célia Chaim é jornalista.

# PARQUE DO IBIRAPUERA

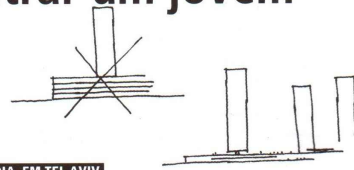
SÃO PAULO





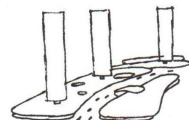


## Me pediu para encontrar um jovem



ESTUDOS PARA A CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO NORDIA, EM TEL AVIV

LÉO ARCOVERDE



O artista plástico Gershon Knispel, 75 anos, conheceu Oscar Niemeyer em 1958, quando esteve pela primeira vez no Brasil. Knispel havia sido premiado num concurso de painéis promovido pelo então proprietário da cadeia de órgãos de comunicação Diários Associados, Assis Chateaubriand, que, na época, construía o prédio da TV Tupi de São Paulo (onde hoje funciona a MTV). Na ocasião da entrega do prêmio, Chateaubriand lhe fez um pedido: queria que Knispel se encontrasse com Niemeyer, para que ambos acompanhassem os esboços de um projeto do arquiteto paulista Gregório Zolko.

Knispel tomou um ônibus da Viação Cometa e seguiu até o Rio de Janeiro. Do primeiro encontro com Niemeyer, além de ter falado de trabalho, o artista plástico diz se lembrar de um retrato do líder comunista Luís Carlos Prestes pendurado na parede do escritório de Niemeyer – o retrato permanece até hoje no mesmo lugar. Era o primeiro de vários encontros. “Sempre que vou ao Rio vejo o Oscar”, diz Knispel. É o que ele procura contar nesta entrevista.

COMO PODE UM PAÍS TÃO

**NIEMEYER DEIXOU O BRASIL POUCO ANTES DO GOLPE DE 1964 CONVIDADO PARA TRABALHOS EM ISRAEL, PAÍS ONDE VOCÊS SE REENCONTRARIAM JUSTAMENTE NESSA ÉPOCA. QUANDO ELE ESTAVA EM TEL AVIV E VOCÊ EM SÃO PAULO, SE COMUNICAVAM DE ALGUMA FORMA?**

No dia 31 de março fui a um encontro da célula do nosso partido aqui em São Paulo, que sempre mudava de lugar, até que o secretário da célula, o arquiteto Vilanova Artigas, comentou: “Vocês estão com uma cara hoje... Acho que no próximo mês vamos marcar a reunião no início do mês, quando ainda estivermos com o bolso cheio de dinheiro”. No meio da reunião, o Prestes telefonou do Rio para Artigas: “Vocês se preparem para o golpe. Limpem tudo, não deixem nada que possa representar um perigo para vocês”. Então, fui ao meu ateliê em Santo Amaro, e qual-quer papel, qualquer coisa que indicasse minha atividade foi queimada. Já era noite, garoava. Daí chegaram dois jipes pretos, duas peruas, todos sem placa. Eu sabia que era o DOPS. Eles perguntaram aos vizinhos onde estava o alemão magrinho e de óculos. Ninguém disse nada. No instante que eles foram tomar café na esquina e deixaram apenas um guarda na frente, peguei meu passaporte, cachimbo, tabaco e um talão de cheques, e quando o guarda se virou, eu já havia escapado. Amigos me levaram para o Rio e o embaixador de Israel me ajudou. No dia seguinte me conseguiram uma passagem com Swiss Air rumo a Tel Aviv.

**COMO VOCÊ SE ENCONTROU COM NIEMEYER?**

Liguei para o Dan Hotel Tel Aviv, porque sabia que o Oscar estava hospedado lá. E Oscar: “Vem cá rápido. Quero saber o que está acontecendo no Brasil”. Respondi que Mário Schemberg e Vilanova Artigas estavam presos.

A VIAGEM QUE NÃO DEU CERTO

# arquiteto, mas que fosse comunista e de confiança



NA EDITORA DOS TRABALHADORES, ASSINATURA DO CONTRATO DE SEU LIVRO 90 DIAS EM ISRAEL. COM NIEMEYER, E. NACHUMI, GERSHON KNISPEL E AZRIEL OCHMANI

## QUAL FOI A REAÇÃO DELE?

Ele ficou louco, porque ao deixar o Brasil não esperava que acontecesse o golpe. De repente, Oscar se sentiu exilado, impedido de voltar para o Brasil, cercado em um isolamento diante da campanha que os arquitetos israelenses resolveram fazer contra ele.

## ALÉM DE FALAR SOBRE O BRASIL E O GOLPE, O QUE VOCÊS CONVERSARAM?

A mesa estava cheia de artigos e críticas contra os projetos do Oscar, escritos em hebraico. Ele me

amanhã, terão 5, 7 milhões". Oscar queria liberar as terras para a população, para que as pessoas pudessem buscar nelas seu bem-estar. Isso significava verticalizar as construções, o que não foi bem aceito. Com isso, todo o projeto do Oscar já foi ignorado completamente. A preocupação deles era fazer uma expansão em torno de Jerusalém. Antes desse muro de 8 metros que está dividindo os palestinos de Israel, eles já haviam feito um muro de moradias em torno da Jerusalém antiga.

## EM QUAIS ENCONTROS OFICIAIS VOCÊ ESTEVE COM ELE EM ISRAEL?

Fomos convidados para almoçar com Josef Almogi, então ministro de Planejamento e Urbanismo, que pregava a política expansionista. Fizemos um monte de promessas que ficaram no ar. Depois fomos convidados para um encontro com o famoso criador do Estado de Israel, Ben-Gurion, que se havia exilado num *kibbutz*, no meio do deserto do Negev, que falou: "Você ficou famoso por conta dessas construções para cima. Aqui você não terá problema. Poderá construir até o céu".

## OSCAR PASSOU QUANTOS DIAS EM ISRAEL?

Seis meses. Foram dois períodos de noventa dias em 1964 e no ano seguinte, planejando, desenhando esses cinco projetos enormes. Já no início, me pediu para encontrar um jovem arquiteto, mas que fosse comunista e de confiança. Achei que isso era resultado do seu exílio e do isolamento imposto por seus "colegas de profissão" em Israel. Acho que foram os piores dias que Oscar passou na vida. Chamei o arquiteto Chaim Tivon, meu companheiro de partido, e Oscar contratou ele. Fugindo do linchamento da mídia, que ainda trazia notícias cada vez piores sobre a ditadura militar no Brasil, Oscar se dedicou totalmente ao trabalho. O lendário prefeito de Haifa, Aba Chushi, me nomeou para o Conselho de Arte dele, e imediatamente me pediu que Oscar aceitasse fazer o projeto do futuro Complexo da Universidade de Haifa. Levei Oscar, que estava em Tel Aviv, para o encontro. Na ocasião, havia sido convidado o sucessor de Ben-Gurion como primeiro-ministro, Levi Eschkol. Fomos juntos escolher o lugar ideal para a construção da usina de energia com autoridades locais. Oscar escolheu o ponto mais alto das montanhas do monte Carmel.

## VOCÊ ACOMPANHOU O OSCAR ATÉ À EMBAIXADA SOVIÉTICA EM ISRAEL E ISSO LHE RENDEU UM INTERROGATÓRIO. PODE NOS CONTAR ESSE EPISÓDIO?

Oscar estava preocupado com o pagamento dos projetos. E por que estava preocupado? Ele estava fora do Brasil, não tinha notícias do país, não sabia tampouco o que iria acontecer lá. Prometeram o dinheiro da prefeitura, mas, pelas formalidades que existiam, demoraria meses. E, para uma pessoa ficar noventa dias em Israel, ir para a França em seguida, era muito gasto. Também Oscar estava sem saber o que aconteceria na França. Não sabia que Malraux faria a Lei Niemeyer, porque até então não era permitido a arquitetos estrangeiros desenvolver projetos no país. E Malraux fez essa lei. Mas em Israel ele não tinha como saber o que iria acontecer. Então, me disse: "Olha, vamos dar um pulo lá na embaixada soviética, que eu preciso saber como receber as verbas referentes ao Prêmio Lênin da Paz". Fui com ele na embaixada. Nesse tempo, a União Soviética mantinha relações com o Estado de Israel.

## FOI UMA CONVERSA DEMORADA?

Demorou quarenta, cinquenta minutos. Fiquei lá fora conversando com outras pessoas. Parece-me que ele recebeu uma boa notícia, porque na saída parecia bem menos preocupado. Pensei: acho que a coisa vai andar bem, eles compreenderam. Seis semanas depois fui chamado ao Ministério da Segurança para responder a um interrogatório sobre essa visita à embaixada soviética. Não deu em nada.

**Léo Arcoverde**  
é jornalista.

## PEQUENO NÃO DEIXAR ESPAÇO PARA A POPULAÇÃO RESPIRAR?

pediu que traduzisse. Mas não traduzi tudo. Era uma campanha feia e não queria agravar a situação dele.

## POR QUE HAVIA ESSA CAMPANHA?

Eles achavam que ficariam sem trabalho após a chegada do Oscar ao país. Havia manchetes dizendo, por exemplo, no jornal *Haaretz*: "Trinta e oito andares de complicações". Isso em relação aos enormes projetos, de três torres do Dizengoff Center de Tel Aviv, as duas torres do Hotel Panorama de Haifa e a torre da Universidade de Haifa. Sobre essa tendência do Oscar centralizar as moradias da população em geral em um país tão reduzido, ele dizia: "Como pode um país tão pequeno não deixar espaço para a população respirar?".

## EM QUE CONSISTIA ESSE MODO DE PLANEJAMENTO DE ISRAEL?

A tendência oficial dos governos de Israel é por habitações horizontais, chamadas casa-e-jardim, o contrário do Oscar, que alcançava alturas e deixava área verde. Ele dizia: "Hoje vocês têm 3 milhões de habitantes,

## QUAL FOI A CONSEQUÊNCIA DESSA CAMPANHA?

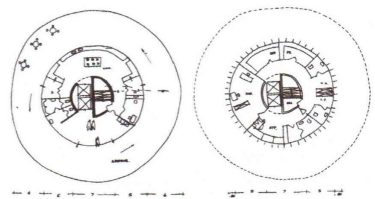
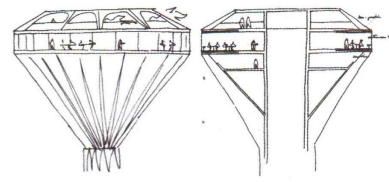
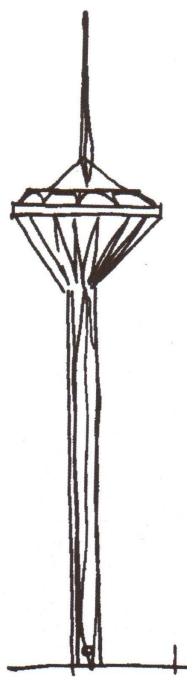
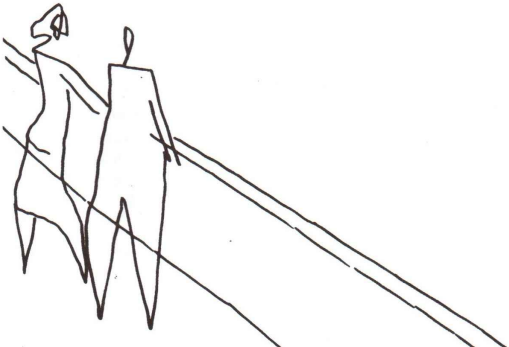
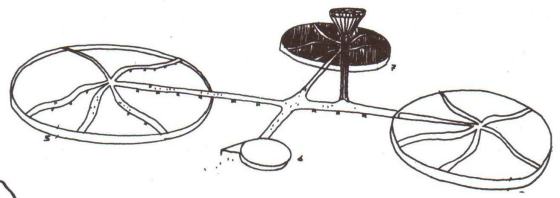
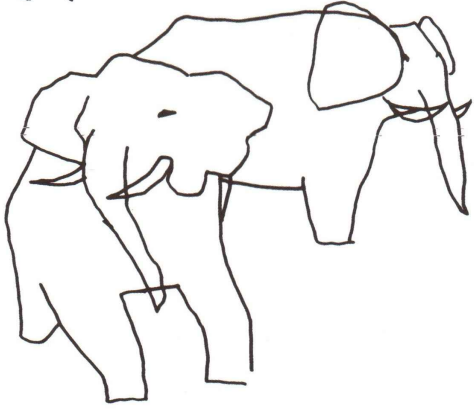
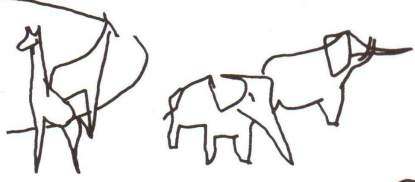
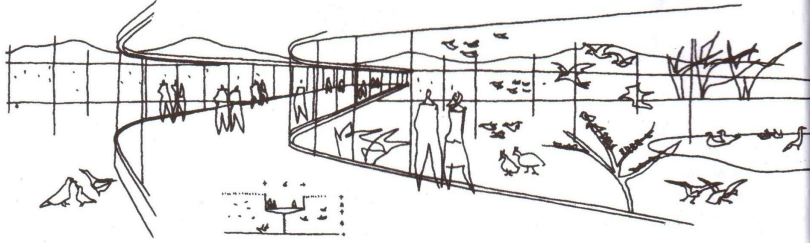
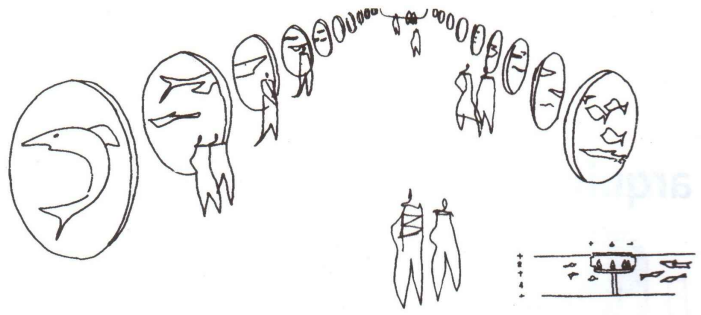
Israel perdeu a oportunidade de ficar com cinco fantásticos projetos. Por exemplo, a cidade do deserto do Negev, desde aquele tempo, não se desenvolveu. Essa cidade nova, no centro do deserto, lembrando o esforço do Oscar de criar a capital do Brasil no meio da mata, uma oportunidade que podia colocar Israel entre os países mais avançados no sentido de arquitetura e urbanismo, foi ignorada.

## QUEM MEXEU NOS PROJETOS DO OSCAR?

Havia dois fatores. O chamado planejamento expansionista das comissões urbanistas de instituições nacionais e municipais e a inveja dos arquitetos medíocres contratados pelo governo e pela municipalidade, que utilizaram cada espaço dos jornais e revistas, atacando sistematicamente os projetos do Oscar. O governo de Israel e os municípios entregaram os projetos originais nas mãos desses arquitetos, que executaram os projetos sob a orientação das autoridades oficiais, ignorando completamente os desenhos deixados pelo Oscar.

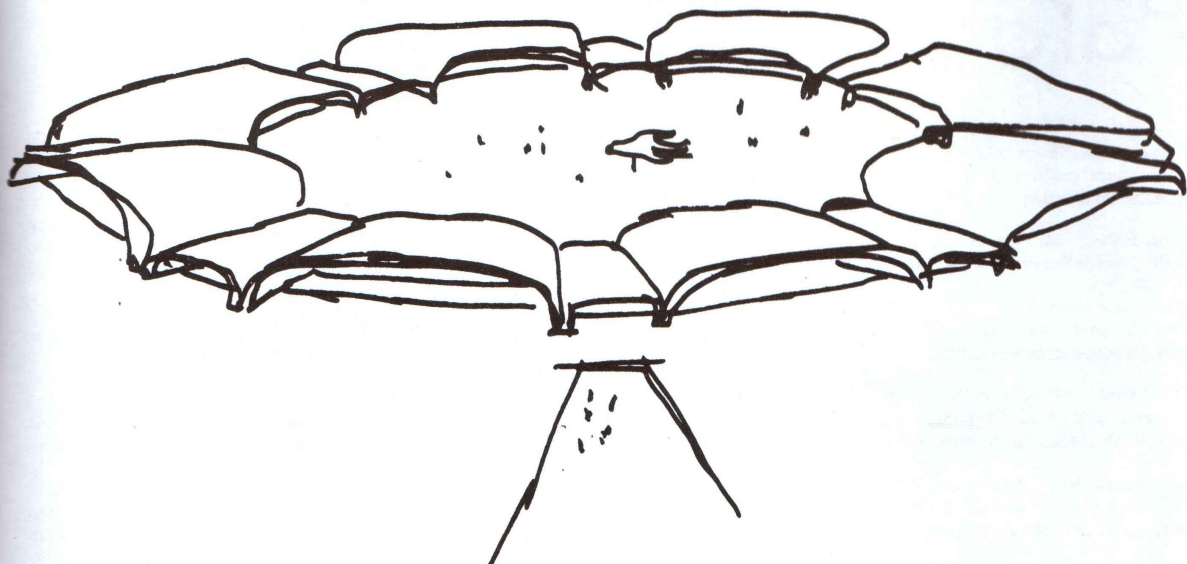
# PARQUE ZOOLOGICO

ESTUDO PARA UM ZOOLOGICO,  
ARGEL, ARGÉLIA



# MUSEU DO HOMEM

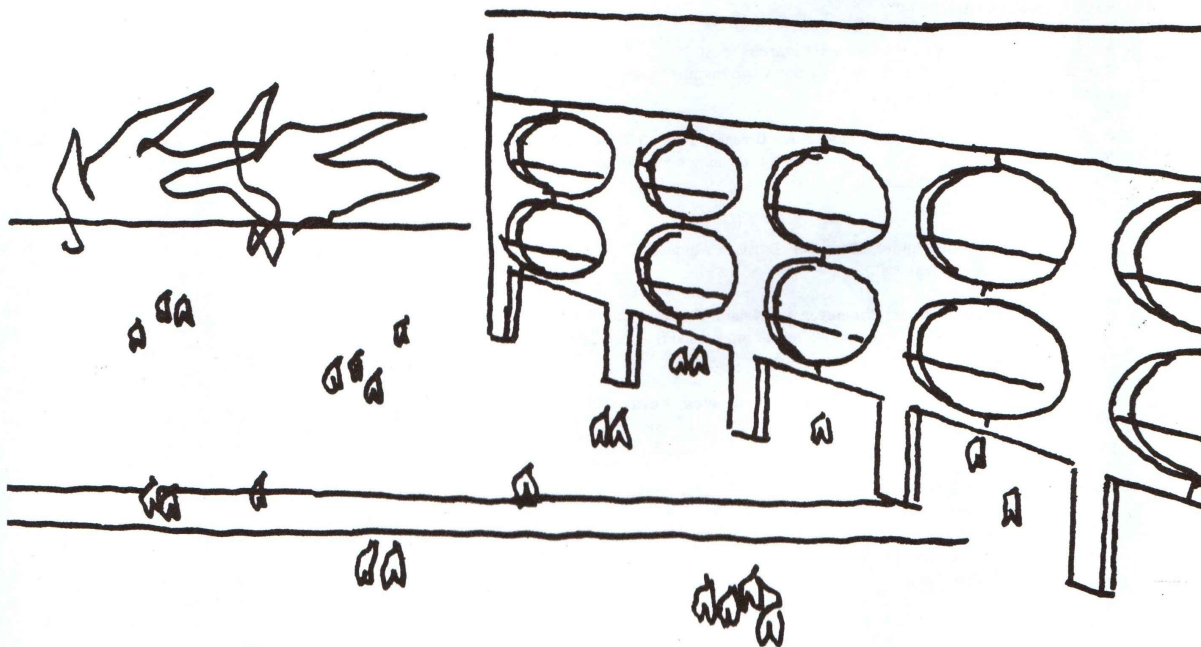
BELO HORIZONTE



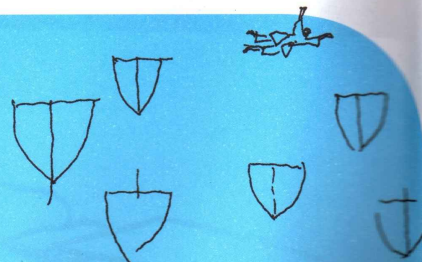
# CIEPS

(CENTROS INTEGRADOS DE EDUCAÇÃO)

RIO DE JANEIRO



# Para saber mais



## SITES

Fundação Oscar Niemeyer (centro de estudos voltado para a reflexão e a difusão da cultura brasileira e da arquitetura a partir da obra de Oscar Niemeyer)

[www.niemeyer.org.br](http://www.niemeyer.org.br)

Escola da Cidade (Associação de Ensino de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo) [www.escoladacidade.edu.br](http://www.escoladacidade.edu.br)

Museu Oscar Niemeyer (antiga sede de secretarias de Estado do Paraná, transforma-se em museu no ano de 2002)

[www.museuoscarniemeyer.org.br](http://www.museuoscarniemeyer.org.br)

Aprende Brasil (site de educação que oferece um especial aos 100 anos do arquiteto)

[www.aprendebrasil.com.br/especiais/niemeyer/inicio.asp](http://www.aprendebrasil.com.br/especiais/niemeyer/inicio.asp)

Ministério das Relações Exteriores (link dedicado a arquitetura e urbanismo) <http://www.mre.gov.br/edbrasil/itamaraty/web/port/artecult/arqurb/apresent/index.htm>

Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo (informações sobre Niemeyer elaboradas pela equipe da Biblioteca Virtual)

[http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/docs/pesq\\_niemeyer.pdf](http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/docs/pesq_niemeyer.pdf)

## DOCUMENTÁRIOS

**A Vida é um Sopro - Direção Fábio Mael**

(O documentário conta como Niemeyer desenvolveu seus projetos, revolucionou a arquitetura moderna, e seu ideal de uma sociedade mais justa)

[www.avidaeumsopro.com.br](http://www.avidaeumsopro.com.br)

**Art in Brazil Today - Direção Gerson Tavares**

(Documentário sobre os trabalhos de Lucio Costa, Bruno Giorgi, Portinari, Burle Marx e Oscar Niemeyer)

**O Risco: Lucio Costa e a Utopia Moderna - Direção Geraldo Mota Filho**

(Documentário sobre o urbanista que projetou Brasília e seu contato com Oscar Niemeyer e Le Corbusier)

## LIVROS SOBRE A VIDA E A OBRA DE OSCAR NIEMEYER

Wilquin, Luce; Delcourt, André, **Niemeyer**, Editions Alfabeta, 1977, 507 páginas (em francês)

Sodré, Nelson Werneck, **Oscar Niemeyer por Nelson Werneck Sodré**, Graal Editora, 1978, 116 páginas. (Oscar Niemeyer em suas várias faces, de artista a rebelde político, traduzidas por Sodré.)

Botey, Josep Ma., **Oscar Niemeyer - Obras y Proyectos, Works and Projects**, Editora Gustavo Gili, 1996, 255 páginas. (As obras e projetos do arquiteto em um livro bilingüe, espanhol e inglês.)

Corrêa, Marcos Sá, **Oscar Niemeyer**, Dumará, 1996, 175 páginas. (O dia-a-dia no escritório de onde saíram obras para o Brasil e para o mundo.)

Petit, Jean, **Niemeyer - Poeta da Arquitetura, Especial Raízes do Memorial - Niemeyer 90 Anos**, 1998. (Um pouco sobre a vida e a obra do arquiteto Oscar Niemeyer.)

**Poemas, Testemunhos e Cartas, Especial Raízes do Memorial - Niemeyer 90 Anos**, 1998, 95 páginas. (Depoimentos de grandes personalidades sobre a obra de Niemeyer.)

Corona, Eduardo, **Oscar Niemeyer: Uma Lição de Arquitetura**, Fapan, 2001, 136 páginas. (O primeiro emprego de Eduardo Corona foi no escritório de Niemeyer, desde então ele anotou as lições do arquiteto que tanto admirava. O livro parte dessas anotações e torna-se uma homenagem.)

Underwood, David, **Oscar Niemeyer e o Modernismo de Formas Livres no Brasil**, Cosac Naif, 2002, 157 páginas. (O livro mostra a cidade do Rio de Janeiro como principal fonte de inspiração da arquitetura de Niemeyer.)

Randolph, Luiz Cláudio, **Oscar Niemeyer 360° - Minhas Obras Favoritas**, 360° Editora, 2006, 250 páginas. (Vinte e duas obras escolhidas pelo próprio arquiteto apresentadas pelo recurso de fotografia em 360°.)

Lago, André Correia, **Oscar Niemeyer - Uma Arquitetura da Sedução**, BEI, 2007, 128 páginas. (O trabalho com Lucio Costa e Le Corbusier, o convite de JK para a obra da Pampulha e mais tarde para o projeto de Brasília, e a beleza das formas curvas são o foco do texto de André Corrêa.)

Ohtake, Ricardo, **Oscar Niemeyer**, Publifolha, 2007, 106 páginas. (Em mais um livro da série Folha Explica, Ricardo Ohtake percorre os 100 anos de Niemeyer, um dos únicos, senão o único brasileiro que será lembrado no século 30.)

Penteado, Helio, **Oscar Niemeyer**, Almed, 190 páginas. (Fotos, biografia e obras de Oscar Niemeyer.)

## LIVROS DE AUTORIA DE OSCAR NIEMEYER

(Niemeyer em seus livros retrata sua preocupação com a humanidade, da importância que atribui à literatura na formação pessoal, de seu jeito de fazer arquitetura e como ela se relaciona com a sociedade, suas memórias e relação com os amigos, além da ficção em seus romances.)

Niemeyer, Oscar, **Parque do Tietê - Plano de Reurbanização da Margem do Rio Tietê**, 1986, Almed.

**Conversas de Arquiteto**, Revan, 1997, 56 páginas.

**Museu de Arte Contemporânea de Niterói**, Revan, 1997, 84 páginas.

**As Curvas do Tempo - Memórias**, Revan, 1998, 320 páginas.

**Diante do Nada**, Revan, 1999, 106 páginas.

**Meu Sósia e Eu**, Revan, 2000, 140 páginas.

**Minha Arquitetura**, Revan, 2000, 112 páginas.

**Conversa de Amigos entre Niemeyer**

**e Sussekind**, Revan, 2002, 252 páginas.

**E Agora?, Paz e Terra**, 2003, 64 páginas.

**Minha Arquitetura 1937-2004**, 2004, Revan, 424 páginas.

**A Forma na Arquitetura**, Revan, 2005, 56 páginas.

**Casas onde Morei**, Revan, 2005, 72 páginas.

**Minha Experiência em Brasília**, Revan, 2006, 52 páginas.

**Sem Rodeios**, Revan, 2006, 56 páginas.

**O Ser e a Vida**, Revan, 2007, 48 páginas.

**Universidade de Constantine - Universidade dos Sonhos**, 2007,

Revan, 108 páginas. ■

Pesquisa feita por Camilla Martins

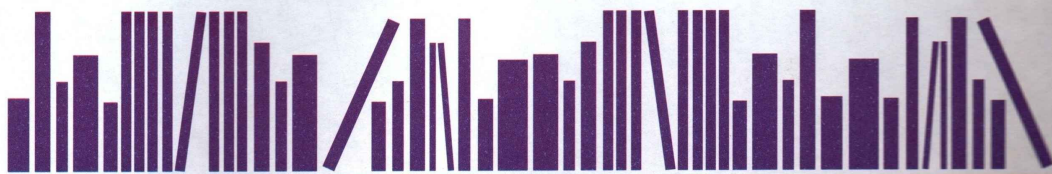


# PARQUE DONA LINDU. O RECIFE GANHA VIDA. TODOS GANHAM MAIS.

A construção do Parque Dona Lindu vai projetar o Recife para o futuro. A cidade vai ganhar um novo espaço de convivência, área verde, cultura e lazer, com muito mais vida para todos se divertirem. Uma maravilha arquitetônica, projetada por Oscar Niemeyer, que vai movimentar o comércio e atrair turistas do mundo inteiro. Uma obra moderna, que vai combinar promoção cultural com preservação ambiental e direitos sociais, inclusive os de geração de emprego e renda.

**Parque Dona Lindu. Orgulho do Recife, cartão postal do Brasil.**



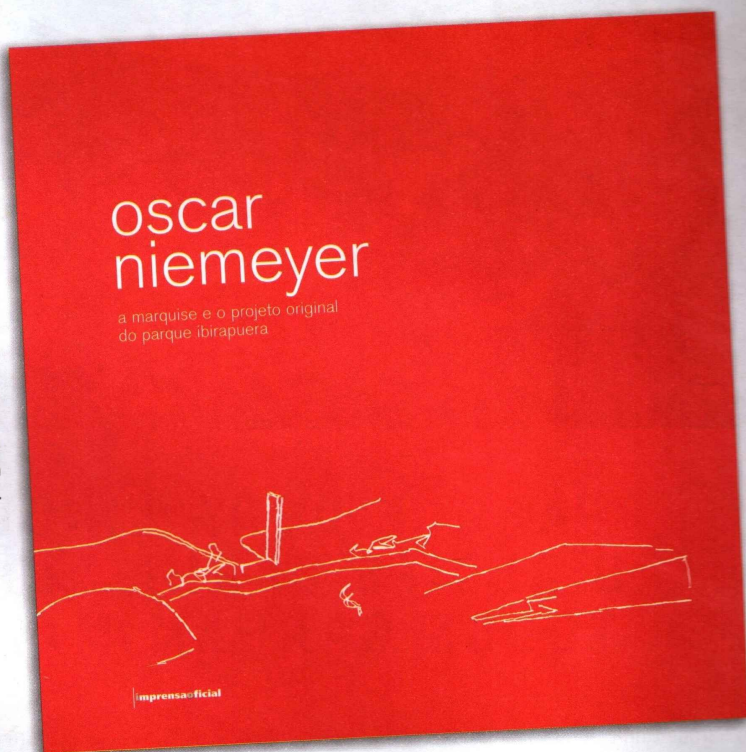


# Linhas curvas ou linhas retas: Niemeyer.

Oscar Niemeyer – a  
marquise e o projeto  
original do Parque  
Ibirapuera

Cecília Scharlach (org.)

Nesse livro capta-se a alma  
do nosso poeta maior das  
formas. Pelos traços do  
mestre, a clarividência de  
perceber que uma cidade  
como São Paulo só poderia  
ter um futuro brilhante.



É fácil comprar seu livro  
[www.imprensaoficial.com.br/livraria](http://www.imprensaoficial.com.br/livraria)

**imprensaoficial**

